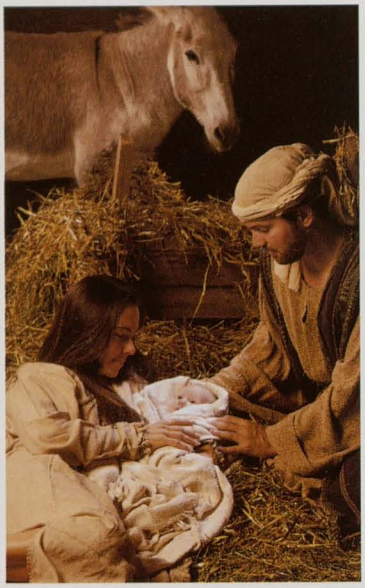
A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • DEZEMBRO DE 1995



A LIAHONA

DEZEMBRO 1995



Na capa:
"Há tantas lições para aprendermos com o sagrado relato do nascimento de Cristo", diz o Élder Jeffrey R. Holland em "O Natal não Vem de uma Loja" (p. 12). Muitas dessas lições aparecem nesta edição, desde o artigo do Presidente Thomas S. Monson, "Presentes de Natal, Bênçãos de Natal" (p. 2), até a apresentação das crianças, "O Nascimento de Jesus" (p. 32). Esses e outros artigos testificam a realidade do nascimento do Salvador. (Fotografia da capa de Steve Bunderson, com uso de modelos.)

Capa da *Seção Infantil*:
"Vinde a Mim", Quadro de W. B. Kirkpatrick.

ÍNDICE

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: PRESENTES DE NATAL, BÊNÇÃOS DE NATAL
PRESIDENTE THOMAS S. MONSON 2

À PORTA DO TEMPLO DENNIS RAY 10

O NATAL NÃO VEM DE UMA LOJA ÉLDER JEFFREY R. HOLLAND 12

NÃO PUDERAM ROUBAR O ESPÍRITO DE NATAL
DEBBIE PFOTZER 18

OS INIMIGOS TORNARAM-SE AMIGOS DUANE C. KNOWLES 26

O NASCIMENTO DE JESUS 32

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

EM QUALQUER IDIOMA WILLIAM POWLEY 8

"PARA ONDE ESTÃO INDO OS ANJOS?" DEBBIE ORULLIAN 20

EU ODIAVA O NATAL PATRICIA R. ROPER 22

A VIDA DE DOMINGOS LIAO RICHARD M. ROMNEY 40

SUA LISTA DE NATAL LISA A. JOHNSON 46

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: "MAIS ABENÇOADO E VIRTUOSO" 25

SESSÃO INFANTIL

NATAL NAS AMÉRICAS 2

MÚSICA: CANÇÃO DE NINAR DE MARIA
JAN UNDERWOOD PINBOROUGH E DARWIN WOLFORD 4

EXPLORANDO: PRESENTES PARA UM REI RECÉM-NASCIDO
GERALDINE A. GARRETSON 6

TEMPO DE COMPARTILHAR: DAR PRESENTES KAREN ASHTON 8

O NATAL MISSIONÁRIO DE VOVÔ E VOVÓ
JANA JONES STEED 10

ARTESANATOS NATALINOS: ENFEITES DE ÁRVORES DE NATAL 13

FAZENDO AMIGOS: HORVÁTH GERGÖ, IMRE E PÉTER, DE BUDAPESTE, HUNGRIA
JANET PETERSON 14

DEZEMBRO DE 1995, Vol. 19, nº 12
A LIAHONA, 95992 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson, James E. Faust

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring.

Editor: Jack H. Goaslind

Consultores: Spencer J. Condie, L. Lionel Kendrick

Administradores do Departamento de Currículo:
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg

Equipe Editorial:
Editor Gerente: Marvin K. Gardner
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker
Controlador: MaryAnn Martindale
Assistente de Publicação: Beth Dayley

Equipe de Desenho:
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Diretora de Produção: Jane Ann Peters
Produção: Reginald J. Christensen, Denise Kirby, Matthew H. Maxwell

Equipe de Subscrições:
Diretor: B. Rex Harris
Diretor de Distribuição: Kris Christensen
Gerentes: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato
Assinaturas: Loacir Severo Nunes
REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas,
Caixa Postal 26023
05599-970 – São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **R$ 14,00**; para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00, aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **R$ 1,20**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em búlgaro, húngaro, islandês, russo e tcheco. Impressão: Ultraprint Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011) 816-5811.
The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9,00 a year. $1,00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.
Printed in Brazil
POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

AJUDANDO OS PESQUISADORES

Desde que comecei a missão, tornei-me um apreciador do valor da *Liahona* (espanhol). Sempre encontro na revista artigos que me auxiliam a guiar os investigadores na procura da verdade contida no evangelho.

Aguardo ansioso a chegada da revista a cada mês e tenho grande apreço pela seção das notícias locais.

Élder Pillado Herrejón
Ramo Viveros
Distrito Nuevo Laredo México

APRECIO A SEÇÃO INFANTIL

Envio-lhes meus calorosos cumprimentos pela *Liahona* (inglês), destacando a *Seção Infantil*. Minha sobrinha, que não é membro da Igreja, visita-me freqüentemente e lê com avidez cada edição do suplemento. Naturalmente, no processo de leitura das histórias e jogos infantis, ela está aprendendo sobre o evangelho e os ensinamentos da Igreja.

Meu testemunho é fortalecido quando leio a revista e sou inspirado pela fé dos membros da Igreja no mundo todo.

Wilfredo Salem Santos
Ala Malabon
Estaca Caloocan Filipinas

NOSSA PRÓPRIA ASSINATURA

Somos uma família humilde e muito feliz. Fomos batizados e abençoados com o evangelho de Jesus Cristo em 1993, embora nos sintamos como se tivéssemos sempre pertencido à Igreja.

No início não nos interessamos por A *Liahona* (português), até lermos um número que nos tinha sido emprestado por um missionário especial. Então nos demos conta de que desejava uma assinatura da revista, e hoje, se perdêssemos um número, seria para nós uma perda espiritual.

Agradecemos a vocês por esta revista esplêndida.

Carlos e Eliane De Prat
Ala Cachoeirinha
Estaca Porto Alegre Norte Brasil

É UMA ALEGRIA LER

Aguardamos ansiosamente a cada mês a chegada de *Der Stern* (alemão). É uma alegria lê-la e ser fortalecido no evangelho. É enriquecedor saber dos santos ao redor do mundo, que vivem o evangelho de Jesus Cristo. Nossos filhos também aguardam, com expectativa e alegria, a leitura da *Seção Infantil*.

D. Kopfmann
Ala Waldshut
Estaca Berna Suíça

MENSAGENS INSPIRADORAS

Sou muito grato pela *Liahona* (inglês), repleta de mensagens inspiradoras que elevam o espírito. Leio a revista com avidez, e às vezes gostaria que houvesse uma edição diária. Arquivo meus exemplares depois de compartilhá-los com meus amigos, inclusive os que não são membros da Igreja.

Erwin S. Atillo
Segundo Ramo de Toledo
Distrito de Toledo Filipinas



Presentes de Natal, Bênçãos de Natal

Presidente Thomas S. Monson
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

O que você ganhou de Natal? Essa é a pergunta que todas as crianças fazem durante vários dias após o feriado mais festejado do ano. Uma menininha responderia: "Ganhei uma boneca, um vestido novo e um jogo." Um menino diria: "Ganhei um canivete, um trenzinho e um caminhão com luzes." Os objetos novos são mostrados e admirados durante todo o dia do Natal.

Tais presentes são efêmeros. As bonecas quebram-se, os vestidos desgastam-se, os jogos tornam-se aborrecidos. Perdem-se os canivetes, os trenzinhos só andam em círculos, e os caminhões são abandonados quando as pilhas ficam fracas e eles não mais se movem.

Se trocarmos apenas uma palavra na pergunta a respeito do Natal, o efeito será totalmente diverso. A pergunta "O que você deu de Natal?" desperta pensamentos estimulantes e ternos, trazendo vívidas lembranças.

É dar, em vez de receber, que faz florescer o espírito de Natal. Esquecemos



Os Três Magos que vieram de longe para adorar o menino Jesus não deram presentes de significado maior do que aqueles que oferecemos, altruisticamente, de todo o coração.

ESQUERDA: ILUSTRAÇÃO DE PAUL MANN; *DIREITA:* DETALHE DE *OS REIS MAGOS DO ORIENTE*, DE J. LEO FAIRBANKS

os inimigos, lembramo-nos dos amigos e obedecemos a Deus. O espírito do Natal ilumina-nos a janela da alma e, ao olharmos a vida trepidante do mundo que nos cerca, nosso interesse concentra-se mais nas pessoas que em objetos.

Que posso dar-Lhe,
Tão pobre que sou?
Se eu fosse um pastor,
Traria uma ovelha;
Se um mago fosse,
Cumpriria minha obrigação;
Mas que posso dar-Lhe?
Posso dar-Lhe meu coração.
(Christina Georgina Rossetti)

Sempre nos lembraremos daquele Natal em que o dar substituiu o ganhar. Em minha vida, isso aconteceu quando eu tinha dez anos. Ao se aproximar o Natal, eu desejava ardentemente ganhar um trem elétrico. Não queria um daqueles modelos comuns de corda; queria, sim, um daqueles movidos pelo milagre chamado eletricidade. Era uma época de depressão econômica. No entanto, meu pai e minha mãe, com sacrifício, presentearam-me na manhã de Natal com um belo trem elétrico.

Brinquei com o trem durante horas, vendo a locomotiva puxar os vagões e depois empurrá-los em marcha à ré pelos trilhos. Minha mãe entrou na sala e disse-me que havia comprado um trem de corda para o filho da Sra. Hansen, Mark, nosso vizinho. Pedi para ver o trem. A locomotiva era curta e meio quadrada, se comparada com a de meu trem, que era longa e de linhas modernas. No entanto, vi um vagão-tanque que fazia parte do trenzinho mais barato. Meu trem não possuía esse tipo de vagão e comecei a sentir inveja. Fiz tamanha pirraça que minha mãe, não resistindo a meus insistentes pedidos, deixou-me ficar com o vagão-tanque, dizendo: "Se você precisa mais do vagão que o Mark, fique com ele." Engatei-o no meu trem e fiquei muito contente com o resultado.

Fui com minha mãe dar o restante dos vagões e a locomotiva a Mark Hansen. O menino era um ou dois anos mais velho que eu. Ele não esperava ganhar tal presente e ficou tão animado que não sabia o que dizer. Ele deu corda na locomotiva, não sendo ela elétrica como a minha, e ficou radiante ao vê-la puxar os vagões pelos trilhos.

Foi aí que minha mãe sabiamente perguntou: "O que você acha do trenzinho do Mark, Tommy?"

Senti o peso da culpa e tomei consciência de meu egoísmo. Disse a minha mãe: "Espere um instantinho que já volto."

Corri o mais que pude em direção à casa, peguei o vagão-tanque e mais um outro vagão de meu trem e saí correndo pela rua em direção a casa de Mark. Lá chegando, disse alegremente a Mark: "Esquecemos de trazer dois vagões que pertencem a seu trem." Mark engatou os dois vagões extras. Fiquei observando a locomotiva puxar, com alguma dificuldade, o restante do trem e senti profunda alegria, difícil de descrever e impossível de esquecer. O espírito de Natal entrara-me na alma.

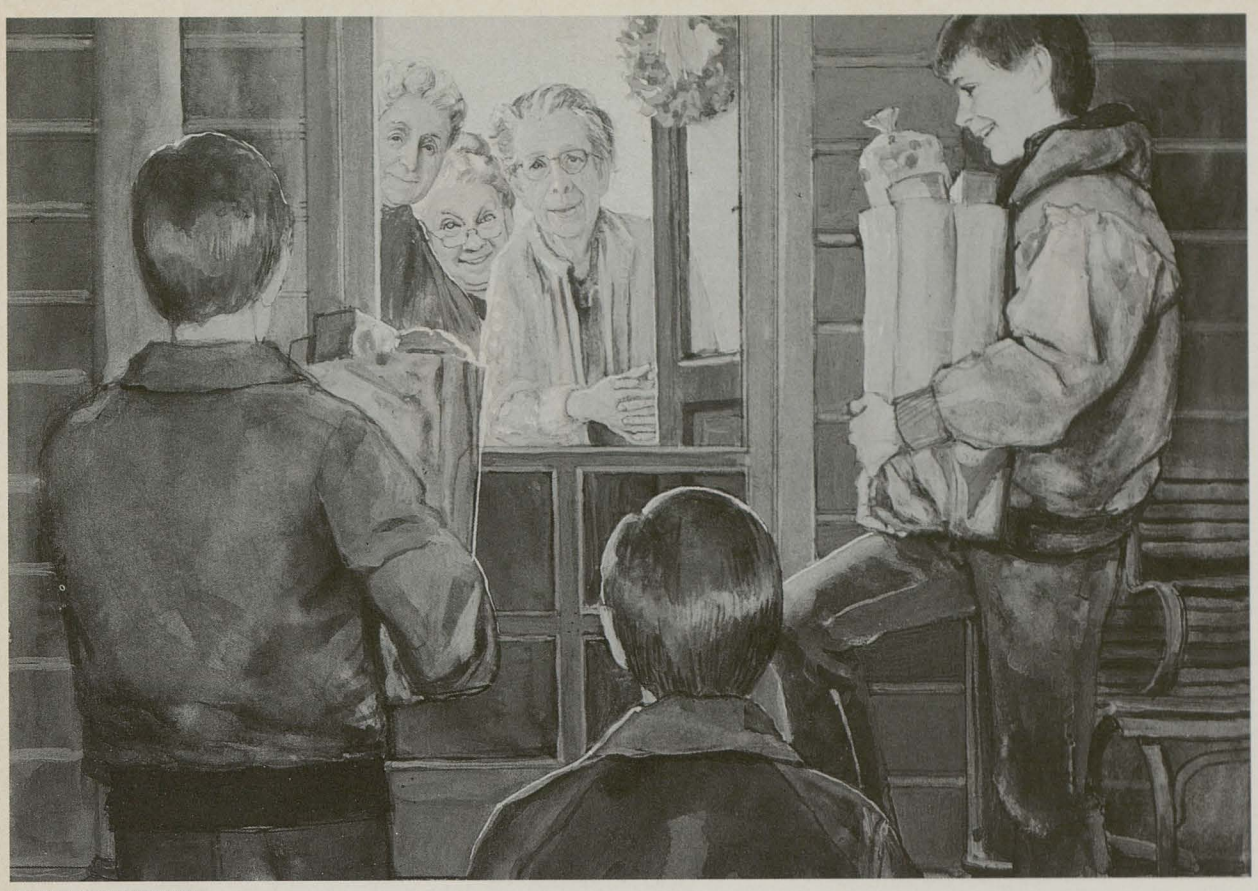
A experiência ajudou-me a tomar uma difícil decisão um ano mais tarde. Mais uma vez chegara o Natal. Estávamos preparando um gigantesco peru para assar e ansiávamos pelo banquete que nos aguardava. Um amigo que morava nos arredores fez-me uma surpreendente pergunta: "Que gosto tem peru?"

Respondi: "É mais ou menos como frango."

Mais uma pergunta: "E que gosto tem frango?"

Foi então que percebi que meu amigo nunca havia comido frango ou peru. Perguntei-lhe o que sua família iria comer na ceia de Natal. Ele não respondeu imediatamente; olhando para baixo, fez o seguinte comentário: "Não sei. Não temos nada em casa."

Pensei numa solução. Não havia. Eu não tinha perus, não tinha frangos nem tinha dinheiro. Lembrei-me, porém, de que tinha dois coelhos de estimação. Imediatamente os coloquei numa caixa e entreguei-a a



ILUSTRADO POR DALE KILBOURN

Os pensamentos dos meninos voltaram-se para os necessitados, e os fundos para a festa que vinham planejando para si próprios transformaram-se em presentes para outros—bênçãos que serão lembradas por muito tempo.

meu amigo, fazendo o seguinte comentário: "Fique com os dois coelhos. Eles são gostosos—têm o mesmo gosto que frango." Ele pegou a caixa, pulou a cerca e correu para casa—a ceia de Natal estava garantida. Chorei ao fechar a porta da casinha de meus coelhos. Mas não estava triste. Um calor, uma alegria indescritível enchia-me o coração. Foi um Natal do qual não me esquecerei.

Lembro-me de um jovem que, aos treze anos, liderou seu quórum de diáconos na busca do espírito de Natal. Ele e seus companheiros moravam numa área onde havia muitas viúvas de poucas posses. Durante todo o ano, os meninos economizaram e planejaram uma bela festa de Natal. Estavam pensando em si próprios, até que o espírito de Natal fez com que seus pensamentos se voltassem para o próximo. Frank, o líder do grupo, sugeriu aos companheiros que os fundos economizados com tanto cuidado fossem usados, não para a festa planejada, mas sim para ajudar três viúvas idosas que moravam juntas.

Os meninos fizeram seus planos. Como seu bispo, eu precisava apenas acompanhá-los. Entusiasmados com a nova aventura, os meninos compraram uma enorme galinha, batatas, legumes e tudo que era necessário para a tradicional ceia. Foram para a casa das viúvas, carregando seus preciosos presentes, caminhando na neve, subindo pelo caminho que dava na varanda da casa. Bateram à porta, ouviram o som de passos lentos e a porta abriu-se.

Com voz desafinada de meninos de treze anos, cantaram: "Noite Feliz! Noite Feliz! Ó Senhor, Deus de amor." A seguir, entregaram os presentes às viúvas. Os anjos, na gloriosa noite tão distante no tempo, não cantaram com mais beleza nem os Três Magos deram presentes de maior significado. Contemplei o rosto daquelas mulheres maravilhosas e pensei comigo mesmo: "São mães de alguém." Olhei para o semblante dos meninos e refleti: "São filhos de alguém." As palavras do poema imortal de Mary Dow Brine passaram-me pela mente:

A mulher tinha cabelos cinza, era velha e esfarrapada
E por causa do frio do inverno, mantinha-se curvada.
A rua estava úmida com a neve recente e abundante
E os pés da humilde senhora eram velhos e vacilantes.
Na esquina permanecia enquanto o tempo passava,
Sozinha e despercebida, ninguém certamente a amava.
Em meio ao aglomerado do povo apressado e ruidoso
Sequer um semblante extraviado cruzava-lhe o olhar ansioso.

Após a sirene da escola, felizes, gritando e correndo,
Meninos subiam a rua jogando neve ao vento (. . .)
Um deles parou a seu lado, cochichando-lhe ao pé do ouvido:

"Se quiseres te ajudo a cruzar, pois esta rua é um perigo" (. . .)

"De alguém ela é mãe, rapazes, e é velha, pobre e morosa,
E se acontecer de um dia minha mãe ser pobre e idosa,
e estar seu amado filho andando por terras distantes,
espero que algum companheiro lhe trate de modo prestante."
À noite, disse a "mãe", ajoelhada ao humilde leito
"Deus, sê bondoso e gentil pra com esse mancebo também,
Que é, com certeza, filho, orgulho e alegria de alguém."
[*Somebody's Mother* (Mãe de Alguém), tradução livre.]

Nenhum daqueles meninos jamais se esqueceu da visita às viúvas. Os presentes de Natal tornaram-se bênçãos de Natal.

Os tempos mudaram, passaram-se os anos, mas o Natal continua sagrado. É dando, mais do que recebendo, que o espírito de Cristo penetra em nossa vida. Deus ainda fala. Ele inspira. Ele guia. Ele abençoa. Ele dá.

Muitos anos atrás, o Presidente Harold B. Lee contou-me a experiência de um certo Presidente Ballantyne que fora criado em Star Valley, no Estado do Wyoming. Trata-se de uma região inóspita. Os verões são curtos e efêmeros, enquanto que os invernos são intermináveis e muito frios. O Presidente Ballantyne falou a respeito de um Natal de sua infância. Disse ele:

"Meu pai tinha uma família grande; algumas vezes, depois da colheita, não nos restava muito após o pagamento das contas. Ele tinha que procurar emprego em algumas das grandes fazendas para ganhar, às vezes, um dólar por dia. Ganhava pouco mais que o necessário para seu próprio sustento, sobrando muito pouco para mandar à mulher e aos filhos. As coisas ficaram bastante difíceis para nós.

Fazíamos a oração familiar em torno da mesa; e foi numa noite em que meu pai não estava que minha mãe pegou uma jarra e serviu leite a todos os filhos—nada sobrando para ela. Percebendo que o leite na jarra era tudo o que tínhamos, dei meu copo a ela dizendo: 'Beba o meu, mãe.'

'Não, não estou com fome esta noite.'

Fiquei preocupado. Bebemos nosso leite e fomos deitar, mas eu não consegui pegar no sono. Levantei-me e, na ponta dos pés, desci a escada e lá estava minha mãe, no meio da sala, ajoelhada em oração. Ela não me ouviu chegar, pois eu estava descalço. Ajoelhei-me e ouvi-a dizer: 'Pai Celestial, não há mais comida em casa. Por favor, Pai, toca o coração de alguém para que meus filhos não passem fome amanhã.'

Ao terminar a oração, ela percebeu que eu escutara. Então me disse, um pouco sem jeito: 'Vá dormir, meu filho. Não se preocupe.'

Fui deitar-me, tranqüilizado pela fé que minha mãe transmitia. Na manhã seguinte acordei com o barulho de panelas na cozinha e o cheiro de comida no fogão. Fui até a cozinha e disse: 'Mas mãe, você disse que não tínhamos o que comer.'

Tudo o que ela respondeu foi: "Você acha que o Senhor não responderia a minha oração?' Nada mais me foi explicado.

Passaram-se os anos e saí de casa a fim de ir para a universidade. Casei-me e um dia fui visitar a região onde



ILUSTRADO POR ROBERT T. BARRETT

Deus ouviu a oração de uma mãe fiel e tocou o coração de um bom bispo. O alimento que ele forneceu alimentou tanto o corpo quando o espírito.

havia morado. O Bispo Gardner, já em idade um tanto avançada, disse-me: 'Meu filho, vou contar-lhe uma experiência que tive com sua família. Havia terminado as tarefas do dia e acabáramos de jantar. Estava sentado perto da lareira, lendo o jornal. De repente, ouvi uma voz dizendo: "A irmã Ballantyne está sem comida em casa." Pensei que fosse minha mulher e disse-lhe: "O que disse, mãe?" Ela foi até onde eu estava, secando as mãos no avental e perguntou: "Você me chamou, pai?"

"Não, não falei com você, mas ouvi uma voz que falou comigo."

"O que disse a voz?", perguntou-me.

"Que a irmã Ballantyne está sem comida em casa."

"Bem, o que você está esperando? Calce os sapatos, vista o casaco e vá levar alguma coisa para a irmã Ballantyne." Na escuridão daquela noite de inverno, atrelei a parelha e coloquei algumas coisas na carroça: um saco de farinha, carne, conservas de frutas e alguns pães frescos. Fazia frio, mas um calor invadiu-me a alma quando sua mãe abriu a porta e entreguei-lhe os alimentos. Deus escutara a oração de uma mãe."

O Pai Celestial preocupa-se constantemente com os necessitados, com os que buscam, confiam, oram e ouvem quando Ele responde. "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:16.) As dádivas de Deus tornam-se nossas bênçãos. Que todos os corações se abram e O recebam—no dia de Natal e sempre. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. É dar, em vez de receber, que faz florescer o verdadeiro espírito de Natal.

2. O Espírito de Cristo entra em nossa vida quando atendemos às necessidades de outras pessoas.

3. O Pai Celestial preocupa-se constantemente com os necessitados, com os que buscam, confiam, oram e ouvem quando Ele responde.

EM QUALQUER IDIOMA

William Powley

Estando em férias, descia eu de navio pelo rio Volga, na Rússia, bem distante de qualquer capela dos santos dos últimos dias. Naquele domingo tinha planejado ler o Livro de Mórmon sozinho em minha cabine.

Meus planos foram alterados quando descobri que o navio fora arrendado por uma família de membros da Igreja para seus passeios de verão. Com a permissão de seus líderes, tinham planejado uma reunião sacramental para os passageiros que eram membros, incluindo vários santos russos que estavam a bordo. Fui designado para abençoar o sacramento. Fiquei imaginando se iria fazê-lo sozinho e se acaso seria o único adolescente lá. Esperava ter companhia.

Mais tarde, quando entrei no salão de música onde seria realizada a reunião, meu coração ansioso serenou-se quando vi rapazes usando gravatas e moças usando vestidos. Dei uma olhada ao redor, procurando algo que se assemelhasse a uma mesa sacramental. À minha direita, notei o banco do piano coberto com uma toalha de mesa branca. As bandejas de pão e de água estavam lá. O irmão que me designou para abençoar o sacramento apresentou-me a um rapaz.

Ele disse: "Este é o Sergei. Vai abençoar o sacramento com você".

Sergei era de Moscou e tinha acabado de dar baixa no tiro-de-guerra. Encontrara dois missonários no metrô, resultando daí o seu batismo.

"Dobray Dien!", disse eu, praticando o pouquinho de russo que aprendera.

"Dobray Dien!", respondeu, dando uma risadinha.

"Minyah Zavoot, William", disse eu, apresentando-me.

"Minyah Zavoot, Sergei".

"Você fala inglês?", perguntei-lhe.

"Um pouquinho".

Tirou do bolso uma folha de papel, já bastante manuseada, e desdobrou-a. Continha termos religiosos usados na Igreja, bem como seus significados. Apontou a palavra sacramento, indicando nossa participação na reunião sacramental. Assenti com a cabeça, e ele apontou a palavra pão e indicou a si mesmo.

"Eu?", perguntou.

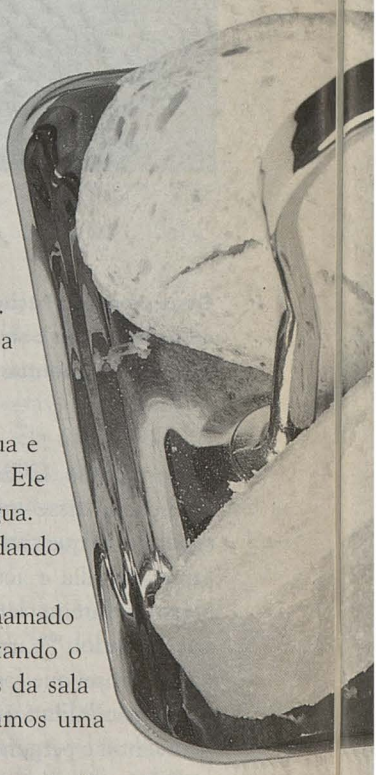
Em seguida apontou a palavra água e apontou para mim. Eu compreendi. Ele abençoaria o pão e eu abençoaria a água.

"Da", respondi em russo, concordando com seu plano.

A música começou, e um rapaz chamado Vladimir regeu a congregação cantando o hino "Vinde, ó Santos". As cortinas da sala foram abertas, e pelas janelas tínhamos uma visão panorâmica da zona rural russa.

O exemplar do Livro de Mórmon de Sergei estava bem gasto. Ele virava as páginas procurando a oração sacramental.

Levantamos-nos e partimos o pão russo de confecção caseira. Podia ouvir a congregação cantando o hino, metade cantando em russo, a outra medade em inglês. Ninguém tinha hinários, por isso cantamos de memória. Estava muito impressionado com a combinação do russo



FOTOGRAFIA DE JOHN LUKE

com o inglês—era como se nossas vozes estivessem criando uma nova linguagem.

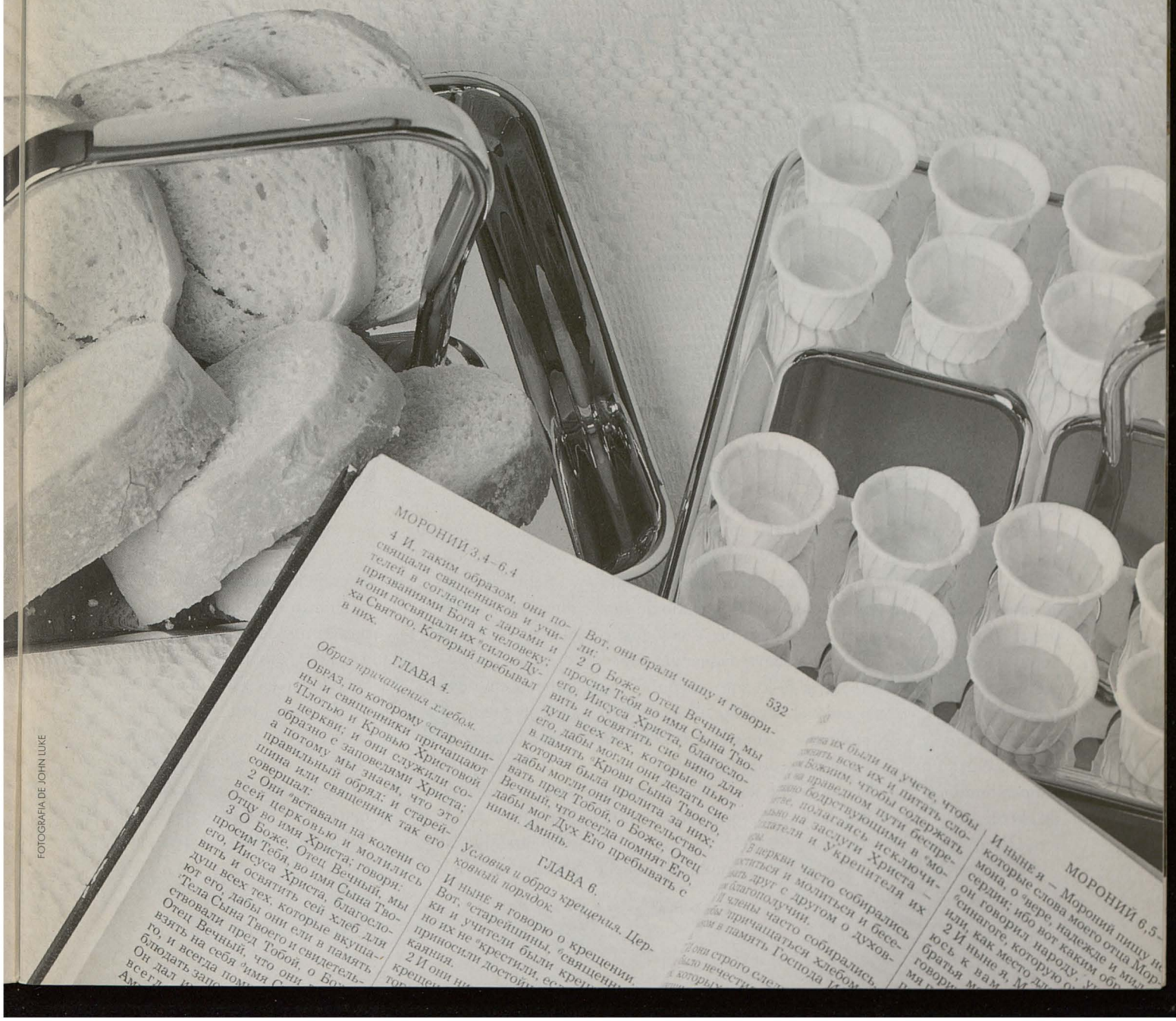
Quando o hino terminou, ajoelhamo-nos. Pude sentir um ligeiro balanço do navio. Todos baixaram a cabeça e Sergei começou a prece em russo.

Senti o Espírito do Senhor entrar-me no coração e queimar-me o peito. Lá estávamos, Sergei e eu, bem longe de nossas casas e famílias, num navio; duas pessoas de continentes diversos e falando idiomas diferentes—mas sentindo o mesmo Espírito. Entendi as palavras que ele disse, clara e pacificamente, e fui inundado pela solenidade do momento.

Depois de enxugar algumas lágrimas, Sergei e eu nos levantamos. Entregamos as bandejas de pão a três jovens diáconos, que as passaram pela congregação.

Em seguida abençoei a água, em inglês, dizendo a prece com mais convicção do que nunca. Senti como se realmente estivesse falando com o Senhor. Meu coração encheu-se de alegria quando disse amém, e levantei-me para passar as bandejas com a água.

Naquela dia, Sergei e eu tínhamos feito o trabalho do Senhor juntos. Abençoamos os emblemas que Cristo havia instituído pouco antes de Seu sacrifício e morte. Sergei falara em russo e eu, em inglês. Mas, para todos os que estávamos presentes, a linguagem falada tinha sido a do Espírito. □



FOTOGRAFIA DE JOHN LUKE



À Porta do Templo

Dennis Ray

Com grande ansiedade, minha família esperava na fila para visitar o Templo de Bountiful Utah. O guia nos explicou que, ao entrarmos no templo, seria preciso usar pantufas. Dezenas de milhares de pessoas já haviam visitado o templo naquele dia de chuva e neve. As pantufas ajudariam a conservar limpo o templo.

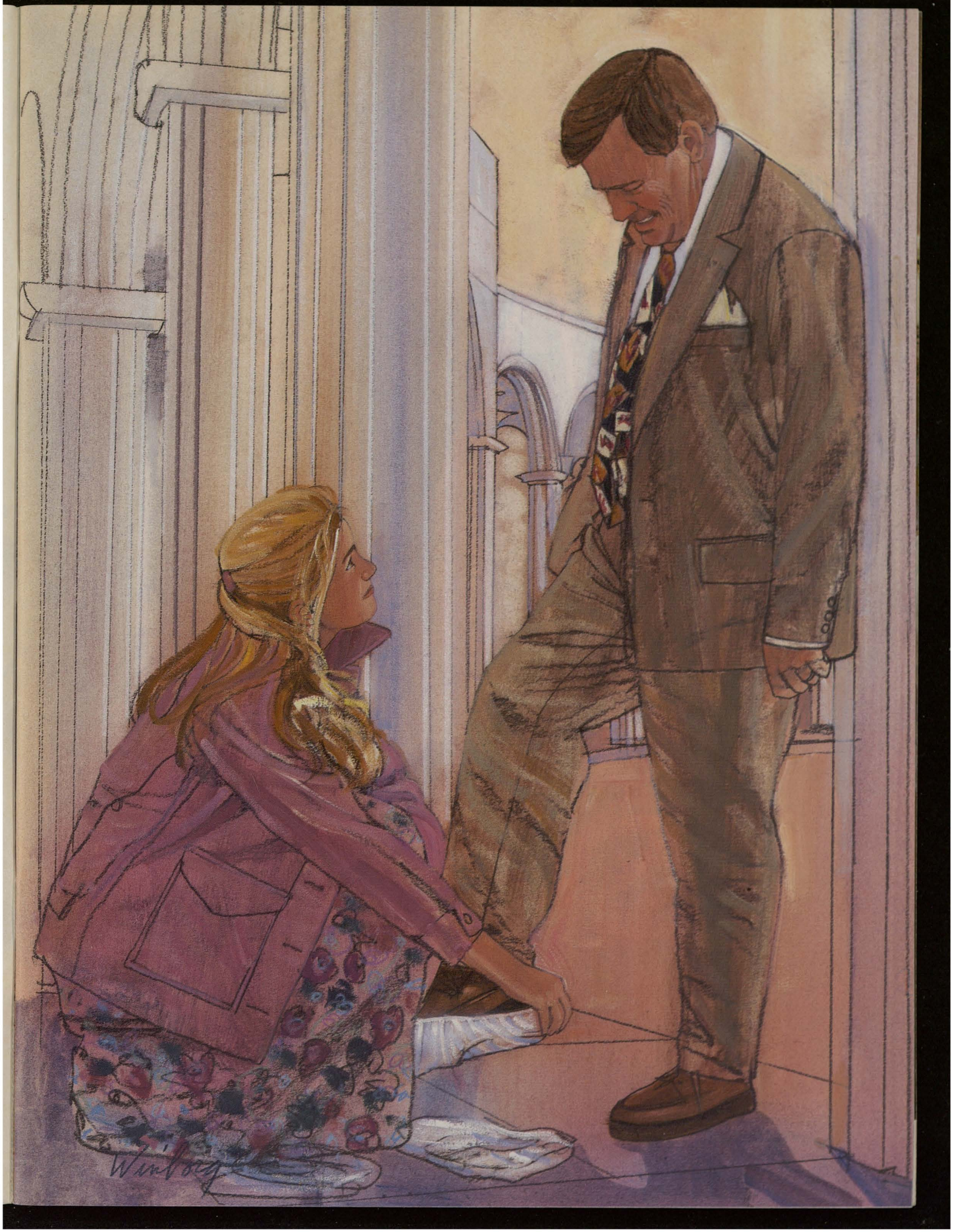
Pensei que calçaríamos as pantufas sozinhos. Quando chegamos à porta, no entanto, vi um grupo de rapazes e moças—voluntários de uma estaca próxima—colocando as pantufas sob os sapatos das pessoas. Apanhado de surpresa, automaticamente levantei um pé, e a seguir o outro, enquanto uma moça me ajudava. Fiquei um pouco sem jeito, sentindo que poderia tê-lo feito sozinho. Não achei que a tarefa fosse agradável, levando-se em conta o tempo frio, os sapatos molhados e sujos e o fato de ela estar ajoelhada numa posição desconfortável. Assim que a moça terminou, agradeci meio sem jeito. Mesmo depois de ela ter ajudado milhares de pessoas, seu sorriso e gentileza ao responder eram sinceros e ternos.

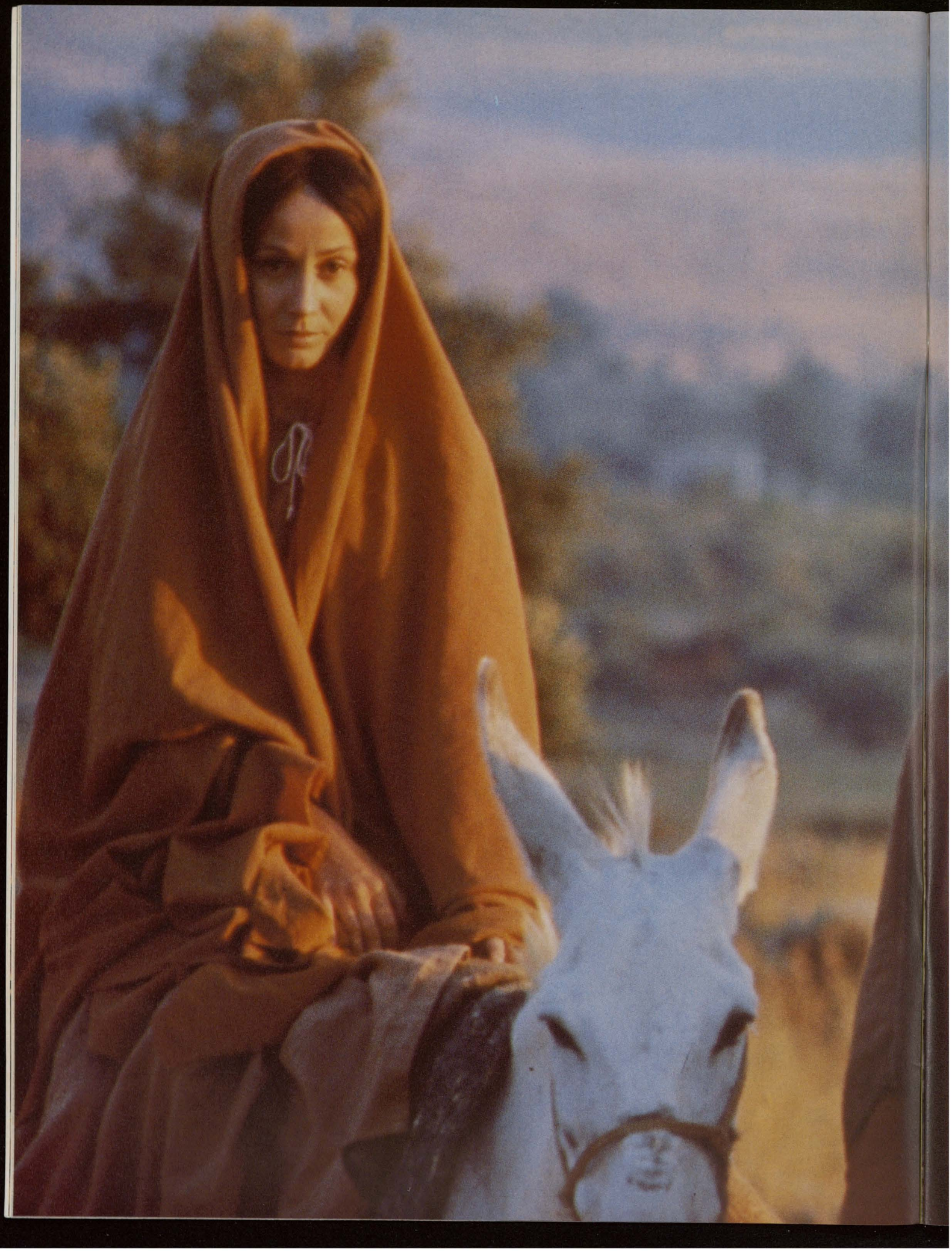
Fiquei sensibilizado pelo trabalho realizado por aquela moça. Então, repentinamente, um belo pensamento tomou conta de mim. Se o Messias mortal estivesse hoje aqui, não estaria Ele também servindo de maneira calma e desprendida—fazendo com que o sujo se tornasse limpo? Uma emoção intensa tomou conta de mim e senti o profundo amor de Cristo. Não teve Ele que se ajoelhar no Getsêmani e morrer no Gólgota para fazer com que as coisas maiores e mais sagradas se tornassem possíveis para nós?

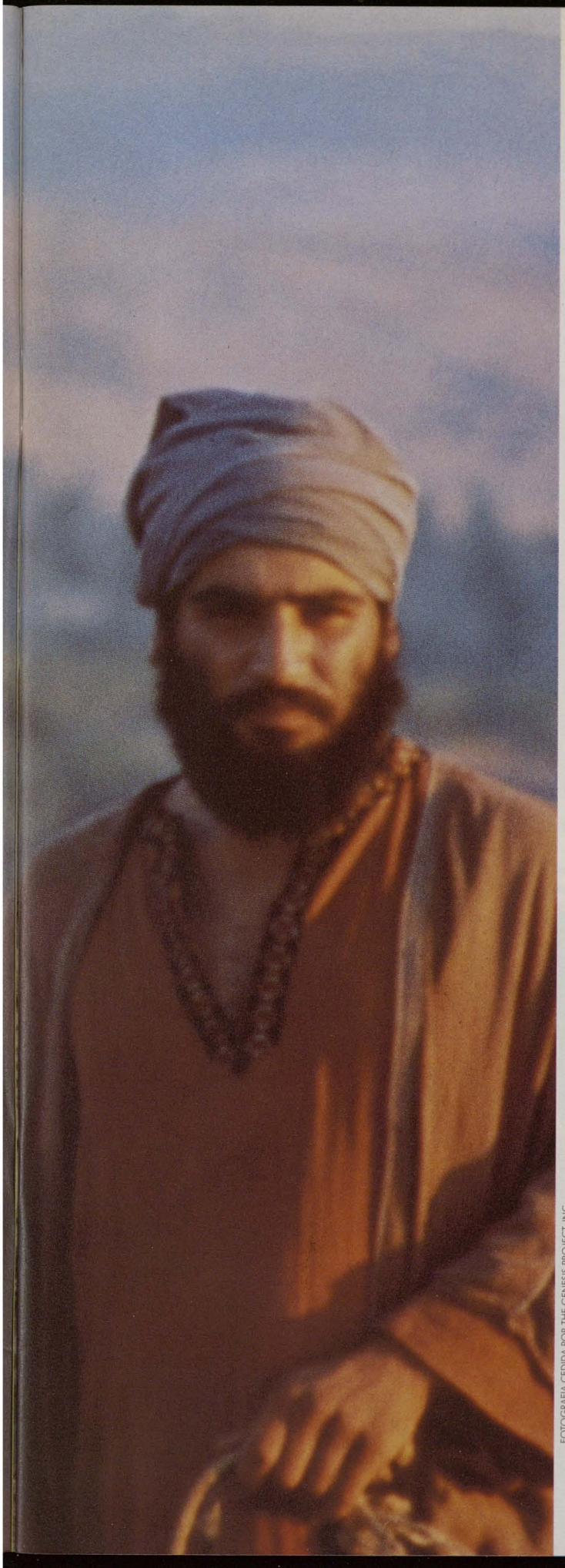
Senti um espírito de reverência durante a visita. O templo era lindo, mas a lembrança mais marcante relacionava-se ao que acontecera à entrada do templo.

Pouco tempo depois, fui desobrigado do cargo de conselheiro em nossa presidência de estaca. Durante os dias que se seguiram, tentava imaginar que chamado o Senhor me concederia. Seria alguma posição considerada "importante"—ou algum ato de bondade que passaria despercebido para a maioria das pessoas? Isso não importava. Onde quer que me ajoelhasse para servir, me lembraria que Cristo, também, uma vez ajoelhou-se para servir a todos nós. □

ILUSTRADO POR LARRY WINBORG







FOTOGRAFIA CEDIDA POR THE GENESIS PROJECT, INC.

O Natal Não Vem de uma Loja

Élder Jeffrey R. Holland
do Quórum dos Doze Apóstolos

Parte do propósito de contar-se a história do Natal é lembrar-nos que o Natal não vem de uma loja. Na verdade, embora nos encantemos com ele desde crianças, o significado do Natal aumenta a cada ano que passa. Não importa quantas vezes leiamos o relato bíblico daquela noite em Belém, sempre percebemos alguma coisa que não notáramos anteriormente.

Há tantas lições para aprendermos com o sagrado relato do nascimento de Cristo que sempre hesitamos em dar destaque a um sem considerarmos os demais. Peço que me desculpem por fazer justamente isso.

Uma impressão que sempre me marcou é a extrema pobreza em que a história se passa. Fico imaginando se Lucas não tinha intenções específicas quando não escreveu "porque não havia lugar na estalagem", mas sim, especificamente, "porque não havia lugar *para eles* na estalagem". (Lucas 2:7, grifo do autor.) Não podemos ter certeza, mas penso que o dinheiro conseguia comprar influência naqueles dias, do mesmo modo que hoje. Acho que se José e Maria fossem pessoas importantes ou ricas, teriam encontrado alojamento mesmo numa época tão movimentada do ano.

Já me perguntei se a Tradução de Joseph Smith também indica que eles não conheciam pessoas influentes ao nos dizer que não havia ninguém para lhes dar acomodação nas estalagens. (Ver TJS, Lucas 2:7)

Não há meios de termos certeza das intenções do historiador, mas sabemos que os dois eram muito pobres. Na oferta da purificação que os pais faziam após o nascimento de uma criança, o cordeiro exigido foi substituído por uma rola, substituição essa permitida na lei de

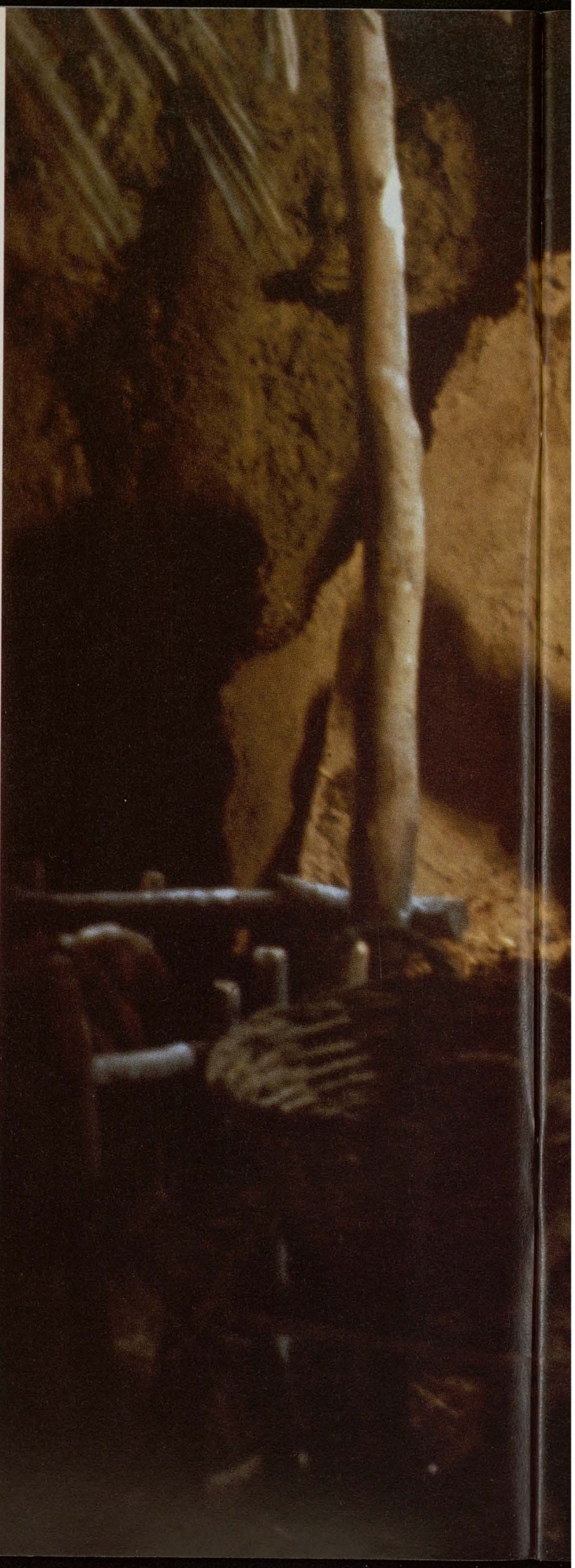
Moisés para amenizar a carga dos mais pobres. (Ver Levítico 12:8.)

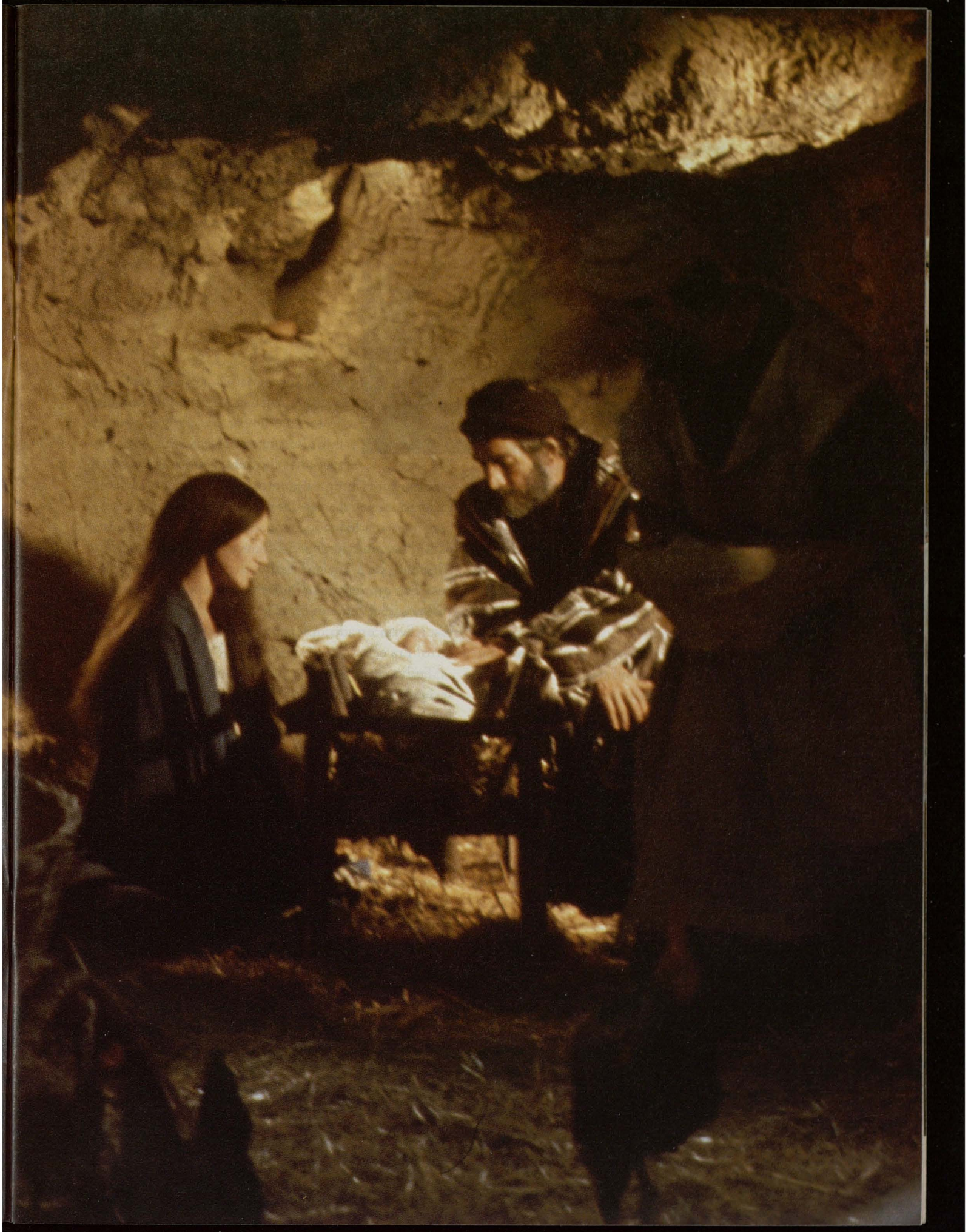
Os Reis Magos chegaram depois trazendo presentes, dando à ocasião um certo esplendor e riqueza. É importante observar-se, porém, que eles vieram de longe, provavelmente da Pérsia, uma viagem de, pelo menos, várias centenas de quilômetros. A menos que tivessem partido muito antes de a estrela ter aparecido a eles, é muito pouco provável que tivessem chegado na noite do nascimento do bebê. Na verdade, Mateus registra que, quando chegaram, Jesus era um "menino" e que a família estava morando em uma "casa". (Mateus 2:11)

Isso talvez nos leve a uma importante distinção da qual nos devemos lembrar em nossas próprias comemorações do Natal. Comprar, fazer e embrulhar presentes, assim como enfeitar e decorar a casa, são coisas que talvez devam estar separadas, por pouco que seja, dos momentos de reflexão mais pessoais em que consideramos o significado do Menino (e de Seu nascimento), o qual nos leva a dar presentes.

O ouro, incenso e mirra foram ofertados com humildade e recebidos com gratidão. Assim devem ser nossos presentes a cada ano. Como minha mulher e filhos podem testificar, ninguém fica mais animado para dar e ganhar presentes do que eu. Exatamente por isso eu, assim como vocês, preciso lembrar-me da cena simples, de pobreza até, de uma noite sem enfeites, embrulhos de presentes ou objetos deste mundo. É somente ao enxergarmos o singelo, sagrado e objeto único de nossa devoção—o Menino de Belém—que compreendemos por quê dar presentes é algo tão adequado.

Como pai, penso sempre em José—o homem forte, silencioso, quase desconhecido, que deve ter sido mais digno que qualquer outro mortal, para ser o pai "adotivo" que guiou o Filho Vivo de Deus. Era José, escolhido dentre todos os homens, quem ensinaria Jesus a trabalhar. Foi José quem Lhe ensinou os livros da Lei.







A princípio, os pastores "tiveram grande temor" quando lhes apareceu o anjo do Senhor proclamando o nascimento de Jesus. Mas exultando com as "novas de grande alegria", tornaram-se os primeiros a testemunhar o "menino deitado na manjedoura". (Ver Lucas 2:8–16.)

Foi José quem, na privacidade de sua oficina, ajudou-O a compreender quem era Ele e o que viria a tornar-Se.

Eu estudava na Universidade Brigham Young e terminava meu primeiro ano de pós-graduação, quando nosso primeiro filho, um menino, nasceu. Éramos muito pobres, mas não tanto quanto José e Maria. Tanto eu como minha mulher éramos estudantes; ambos trabalhávamos e ainda éramos os encarregados do complexo de apartamentos em que morávamos, a fim de ajudar a pagar o aluguel. Tínhamos um pequeno Volkswagen, cuja bateria nem sempre funcionava, mas não tínhamos dinheiro para comprar nem um carro novo nem uma bateria.

No entanto, quando percebi que nossa noite especial estava chegando, creio que teria feito qualquer coisa honrosa, até hipotecado meu futuro, para garantir que minha mulher tivesse lençóis limpos, instrumentos esterilizados, enfermeiras alertas e médicos habilidosos para trazerem ao mundo nosso primogênito. Se ela ou aquela criança tivessem necessitado de cuidados especiais no mais caro hospital particular existente, creio que teria hipotecado minha própria vida para isso.

Comparo esses sentimentos (que tive no nascimento de cada um dos demais filhos) com o que José deve ter sentido ao caminhar pelas ruas de uma cidade estranha, sem um amigo ou parente, sem ninguém que estivesse disposto a estender a mão para ajudá-los. Nas derradeiras e mais dolorosas horas de sua gravidez, Maria cavalgou ou andou aproximadamente 160 quilômetros, de Nazaré, na Galiléia, até Belém, na Judéia. Com certeza José chorou ao ver a coragem silenciosa de Maria. Sozinhos e sem despertar atenção, tiveram de abdicar a companhia de seres humanos e alojar-se em um estábulo, uma gruta cheia de animais, para dar à luz o Filho de Deus.

Fico imaginando como José se sentiu ao ter que limpar o esterco e os entulhos. Imagino se lágrimas não lhe vieram aos olhos enquanto tentava achar a palha mais limpa e manter os animais afastados. Imagino se ele não pensou se haveria lugar mais insalubre, mais inadequado, uma situação mais desprezível para o nascimento de uma criança? Seria aquele o lugar adequado para um rei? Seria solicitado à mãe do Filho de Deus que entrasse "no vale da sombra da morte" (Salmos 23:4) em um lugar mais imundo e estranho que esse? Seria errado desejar que ela tivesse algum conforto? Era certo que Ele nascesse ali?"

Tenho certeza de que José não reclamou nem Maria se lamentou. Eles possuíam enorme conhecimento e fizeram o melhor que puderam.

Esses pais talvez já soubessem que, no início de Sua vida mortal, assim como no final, seu filho teria de descer abaixo de quaisquer dores e decepções já experimentadas pelo homem. Isso Ele faria a fim de ajudar aqueles que achavam ter nascido sem quaisquer oportunidades.

Já pensei também em Maria, a mais agraciada de todas as mulheres mortais na história do mundo, que ainda criança ouviu de um anjo as palavras que mudariam o curso, não somente de sua vida, mas o de toda a história da humanidade: "Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres." (Lucas 1:28.) A natureza de seu espírito e a profundidade de sua preparação foram reveladas em uma resposta que demonstra tanto inocência quanto maturidade: "Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra." (Lucas 1:38)

É neste ponto que me detenho, tentando compreender os sentimentos de uma mãe ao saber que concebeu uma alma vivente, ao sentir a vida ter início e desenvolver-se em seu ventre e ao dar à luz uma criança. Nesses momentos, os pais ficam de lado e observam, mas as

mães sentem e jamais esquecem. Mais uma vez, penso nas cuidadosas palavras de Lucas a respeito da santa noite em Belém:

"E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz.

E deu à luz a seu filho primogênito, e *[ela]* envolveu-o em panos, e *[ela]* deitou-o numa manjedoura (. . .)" (Lucas 2:6–7; grifo do autor.)

Esses pequeninos pronomes demonstram claramente que, à exceção da própria criança, Maria é a figura principal, a rainha, a mãe das mães—o centro das atenções nesse magnífico momento dramático. E os mesmos pronomes também indicam claramente que, exceto por seu marido, ela estava completamente sozinha.

Fico imaginando se essa jovem, quase uma criança, dando à luz seu primeiro filho, não desejava a presença da mãe, ou de uma tia, irmã ou amiga a seu lado durante o parto. O nascimento de um filho como o dela deveria ter a assistência de todas as parteiras da Judéia! Todos desejaríamos que alguém lhe segurasse a mão, enxugasse a testa e, ao terminar o parto, providenciasse repouso para ela em uma cama limpa.

Mas não deveria ser assim. Contando apenas com a ajuda inexperiente de José, ela sozinha deu à luz seu primogênito, embrulhou-o em panos que ela havia, precavidamente, levado consigo na viagem e, provavelmente, deitou-o numa cama de palha.

Em ambos os lados do véu, hostes celestes prorromperam em cânticos. "Glória a Deus nas alturas", cantaram eles, "Paz na Terra, boa vontade para com os homens." (Lucas 2:14) Porém, com exceção das testemunhas divinas, os três estavam sozinhos: José, Maria e o bebê que receberia o nome de Jesus.

Nesse momento de importância suprema na história da humanidade, num local iluminado por uma nova estrela nos céus, revelada especificamente para tal propósito, nenhum outro mortal provavelmente presenciou o acontecimento—salvo um jovem carpinteiro pobre, uma bela mãe virgem e os silenciosos animais do estábulo, incapazes de falar a respeito do momento sagrado que haviam testemunhado.

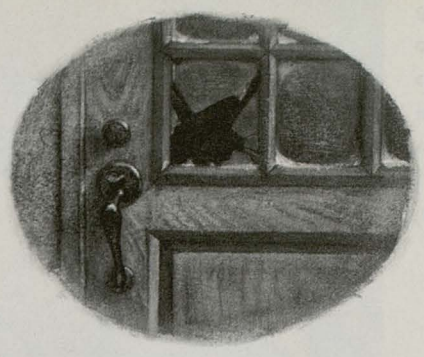
Logo chegariam os pastores e, posteriormente, os magos do Oriente. A princípio, todavia, ali estava a pequena família, sem brinquedos, árvores ou enfeites, com um bebê—foi assim que o Natal começou.

É por esse bebê que exultamos em coro: "Eis dos anjos a harmonia, Cantam glória ao novo Rei! (. . .) Nasce pra que ressurjamos, Vive para que vivamos, Rei, profeta e Salvador, Louvem todos ao Senhor." (*Hinos*, 1990, número 132.)

Lembrando-se, talvez, das circunstâncias daquela dádiva, de Seu nascimento, de Sua própria infância; lembrando-se, talvez, que a pureza, a fé e a genuína humildade serão exigidas de todas as almas celestes, Jesus deve ter dito muitas vezes ao olhar nos olhos das crianças que O amavam (olhos esses que sempre foram os melhores a ver o que e quem Ele realmente era): "(. . .) se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus." (Mateus 18:3)

O Natal é, pois, para as crianças—de todas as idades. Suponho que é por essa razão que minha música de natal favorita é uma cantiga infantil. Canto-a com mais emoção do que qualquer outra:

Jesus num presépio, sem berço nasceu,
Deitaram na palha o corpinho seu, (. . .)
Jesus, eu te amo; com teu meigo olhar,
Vem, guarda meu sono, meu terno sonhar.
Jesus, eu te peço, que veles por mim
Amando-me sempre, guardando-me assim.
A todos meninos vem dar proteção
E leva-nos todos à tua mansão.
(*Hinos*, 1990, número 127.) □



Não puderam roubar o espírito de natal

Debbie Pfotzer

Faltavam quatro dias para o Natal, e a emoção em nossa família era quase tangível. Heidi estava ocupada embrulhando seus presentes para a mãe, enquanto Erin observava fascinado as luzinhas coloridas piscando na janela. Eu também estava agitada porque naquela noite, a companhia para a qual John trabalhava estava oferecendo aos empregados e suas esposas um jantar e um show.

Depois de deixarmos as meninas com a babá, pusemo-nos a caminho. Usamos o tempo despendido no trajeto para refletirmos sobre o quanto éramos abençoados.

A festa foi um enorme sucesso. Passava bastante da meia-noite quando tomamos o caminho de casa. John foi na frente para abrir a porta de casa e acender as luzes, enquanto permaneci no carro enrolando as meninas adormecidas em cobertores, para protegê-las do ar noturno gelado.

De repente, John voltou correndo, gritando: "Fomos roubados!" Segurando Erin em meus braços, senti um calafrio na espinha. Depois de percorrermos a casa toda, descobrimos que todos os nossos presentes de Natal tinham desaparecido. Os ladrões haviam levado tudo—até mesmo nossos recibos de pagamentos de dízimo e nossas bênçãos patriarcais. Estávamos arrasados! Que poderíamos fazer? Sentíamo-nos completamente impotentes.

Ao invés de desfrutarmos a alegria dos eventos familiares que acompanham a comemoração do nascimento de nosso Salvador, sentíamos um vazio gelado. Certamente os presentes poderiam ser repostos, mas não o amor e o desvelo dedicados a cada um.

Realizamos um conselho familiar e decidimos ficar em casa, comemorando o Natal quietamente, focalizando o nascimento do Salvador.

Naquele domingo, as notícias do roubo espalharam-se. À noite, quando John e eu sentamos na sala com as luzes apagadas, ouvimos o bater de portas de carro. Pusemo-nos de pé rapidamente, pensando que os ladrões tinham retornado. Corremos para a porta da frente e não pudemos acreditar no que víamos.

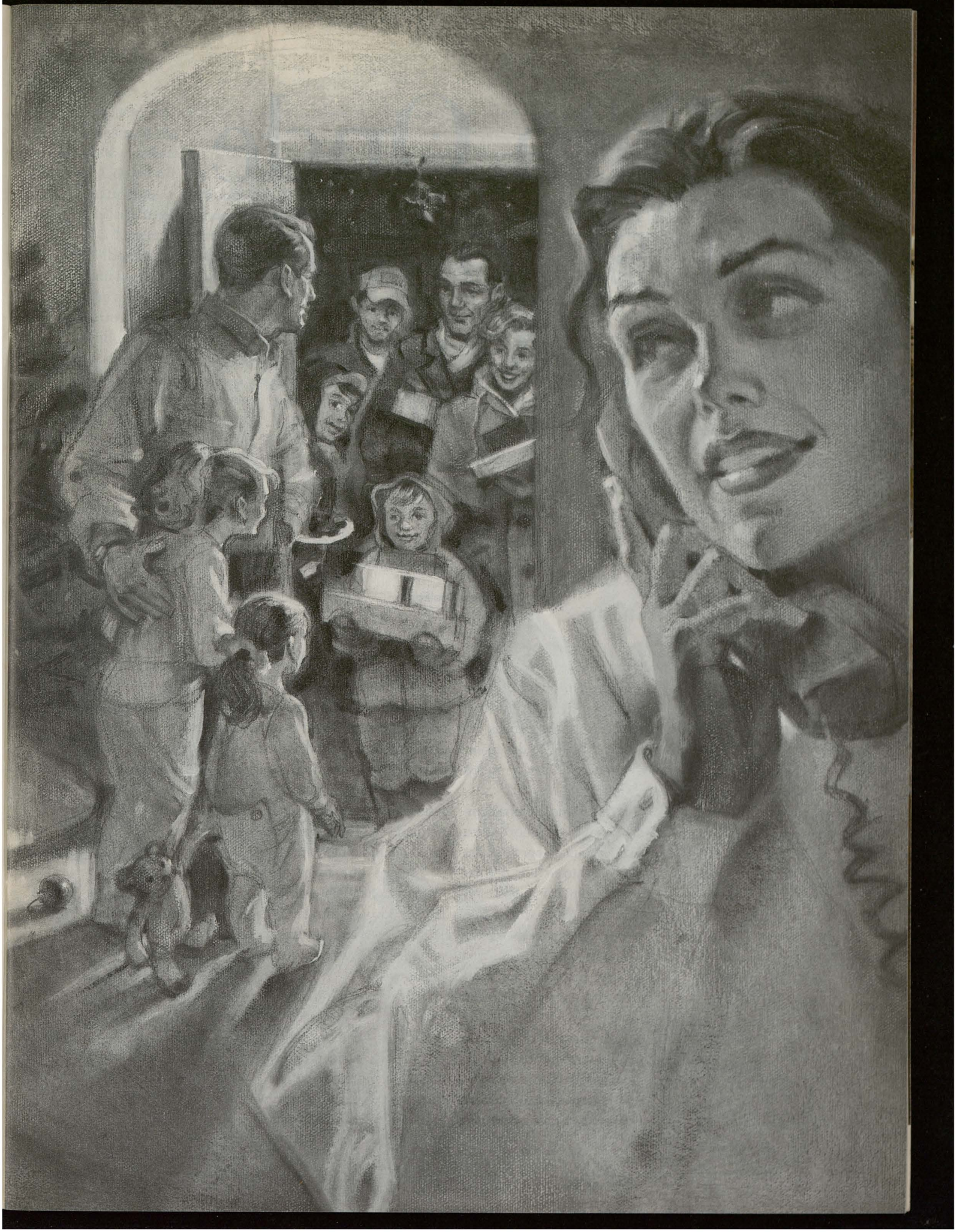
Minúsculos reflexos de luz brilhavam no ar gelado, enquanto vinte e cinco membros de nossa ala entoavam canções natalinas para iluminar nossos espíritos. Foi muito difícil contermos as lágrimas.

Tão logo se foram, sentimos a alegria substituindo a amargura em nosso coração. Caminhando para dentro de casa, ouvimos o telefone tocar—a primeira de muitas chamadas que os vizinhos nos fizeram naquela noite, perguntando como poderiam ajudar-nos. Acendemos as luzinhas preferidas de Erin e resolvemos que teríamos uma comemoração de Natal, por menor que fosse.

No dia seguinte era véspera de Natal. Ao redor das onze horas da manhã, começamos a receber visitas —um após outro, os membros da Igreja apareciam com presentes e alimentos. Uma das irmãs sentiu o desejo de nos dar dinheiro, e descobrimos que era a mesma quantia que nos tinha sido roubada. Os escoteiros também deram sua contribuição. Membros de uma estaca da vizinhança souberam do roubo e enviaram-nos o próprio Papai Noel. Heidi mal acreditava em seus olhos. Esse desfile de amor e solidariedade continuou até perto da meia-noite.

Quando fomos para a cama naquela noite de Natal, nossos corações estavam repletos de gratidão. Exemplificando o Espírito de Natal, as pessoas que foram sensíveis a nossas necessidades converteram um pesadelo num festival de amor cristão. □

ILUSTRAÇÃO DE KEITH LARSON



Para Onde Estão Indo os Anjos?

Debbie Orullian

Sempre apreciei os invernos verdes e quentes do sul da Califórnia, mas o inverno em Helsinque, na Finlândia, era algo saído de um livro de histórias. Havia neve no chão, pinheiros no parque e estrelas tão brilhantes que o céu parecia estar ao alcance das mãos. Quase se podia ouvir os anjos cantando "Paz na terra aos homens de boa vontade".

Meu coração estava repleto de paz quando minha companheira missionária, sister Pels, e eu nos sentamos à mesa de uma lanchonete. Nossa reunião terminara por volta das sete horas da noite e estávamos ansiosas por relaxar durante a refeição, antes da chegada de nosso ônibus.

De repente as portas foram escancaradas e umas vinte pessoas fantasiadas entraram. Uma delas estava vestida como José, outra como Maria, outras ainda como os pastores, os reis Magos e anjos alados. Era óbvio que estavam vindo de alguma representação natalina. Rindo e brincando, sentaram-se para comer.

Alguns minutos mais tarde, outro homem entrou no restaurante. Era claro que ele não fazia parte do grupo anterior. Tinha a cabeleira desgrenhada e as roupas surradas. Comprou sua refeição e começou a procurar um lugar para sentar-se; encontrou-o entre dois dos Magos e, ao encolher-se para sentar, seu copo de refrigerante caiu.

Ouviram-se risinhos vindos do grupo enquanto ele recuava e sentava-se a uma mesa próxima da nossa. Acomodou-se na cadeira e ficou lá com a cabeça pendida, sem olhar para a comida, olhando apenas para o chão. Ocorreu-me que aquela refeição talvez fosse uma festa para ele, uma raridade que ele mal podia pagar. A perda de seu refrigerante deve ter-lhe partido o coração, tanto quanto olhar para ele partia o meu.

"Temos que fazer algo" eu disse a sister Pels. "Bem, eles repõem a bebida derramada" disse sister Pels levantando-se e dirigindo-se ao balcão, enquanto toda Belém observava seu crachá missionário. Alguns do grupo olhavam espantados.

Em alguns minutos sister Pels entregou ao homem um outro copo de refrigerante e uma funcionária limpou o chão. O homem olhou fixamente para o copo e depois para sister Pels e para mim,



ILUSTRADO POR ROBERT MCKAY

enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. Com a voz embargada ele disse: "Obrigado, a vida está muito dura neste momento".

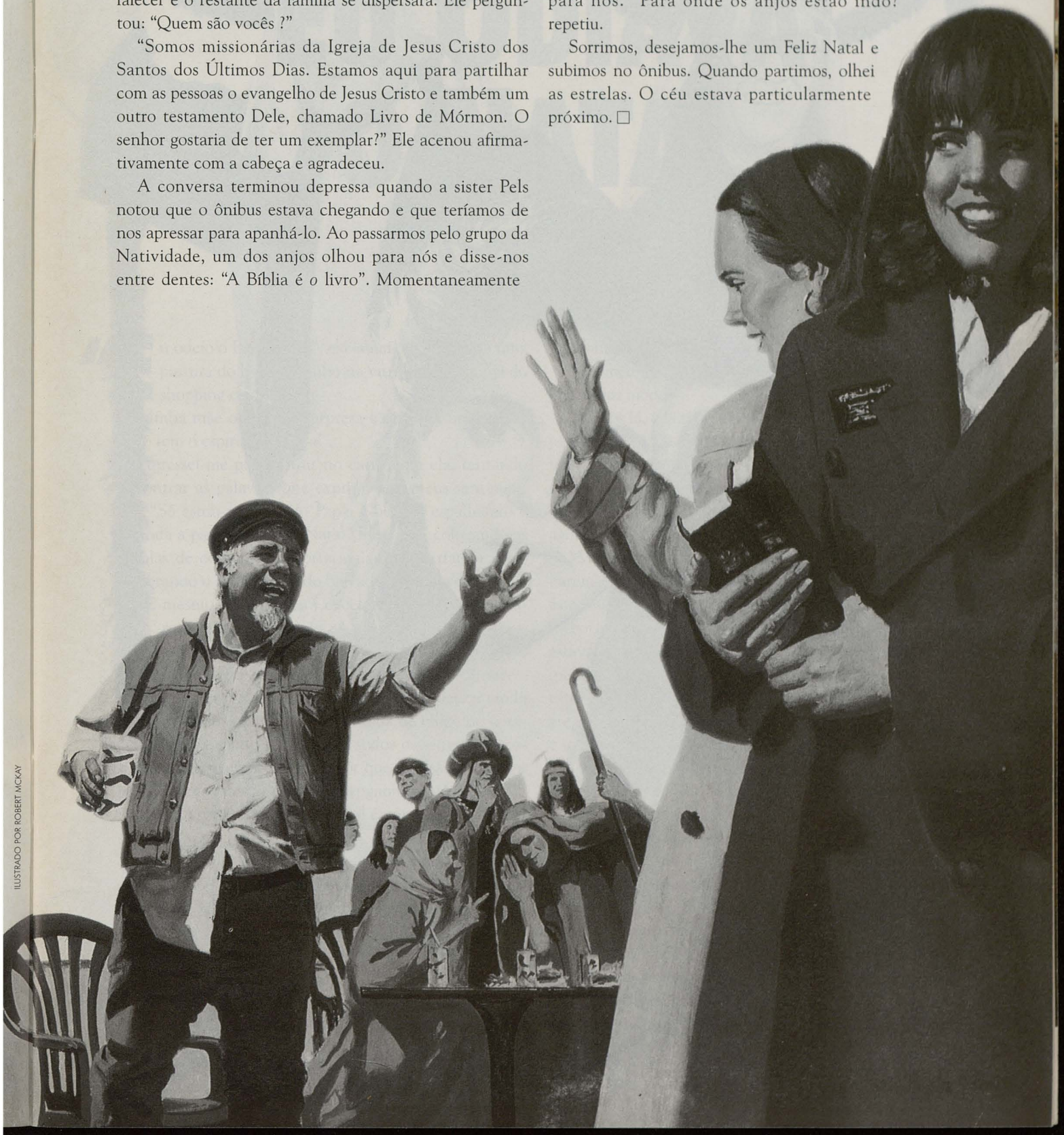
Contou-nos que fora marinheiro, tinha cinqüenta e quatro anos e agora estava sozinho. Seu pai acabara de falecer e o restante da família se dispersara. Ele perguntou: "Quem são vocês ?"

"Somos missionárias da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Estamos aqui para partilhar com as pessoas o evangelho de Jesus Cristo e também um outro testamento Dele, chamado Livro de Mórmon. O senhor gostaria de ter um exemplar?" Ele acenou afirmativamente com a cabeça e agradeceu.

A conversa terminou depressa quando a sister Pels notou que o ônibus estava chegando e que teríamos de nos apressar para apanhá-lo. Ao passarmos pelo grupo da Natividade, um dos anjos olhou para nós e disse-nos entre dentes: "A Bíblia é *o* livro". Momentaneamente atônitas, atravessamos a porta, seguidas do estranho esfarrapado e solitário.

"Para onde os anjos estão indo?" ele perguntou. Surpesas, olhamos para os atores dentro do restaurante. Só então nos demos conta de que ele estava olhando para nós. "Para onde os anjos estão indo?" repetiu.

Sorrimos, desejamos-lhe um Feliz Natal e subimos no ônibus. Quando partimos, olhei as estrelas. O céu estava particularmente próximo. □



ILUSTRADO POR ROBERT MCKAY



ILUSTRADO POR ROGER MOTZKUS

EU ODIAVA O NATAL

Patricia R. Roper
Baseado em uma experiência verídica

"Eu odeio o Papai Noel", exclamei olhando para uma pintura do bom velhinho na vitrine de uma loja do shopping center.

Minha mãe olhou-me surpresa e disse:" Com certeza você tem o espírito de Natal".

Apressei-me para entrar no carro com ela, tentando encontrar as palavras que exprimissem meus sentimentos. "Só estou enjoada do Papai Noel, do espalhafato e de toda a parafernália do Natal", respondi, colocando as sacolas de compras no porta-malas. "Deveríamos estar celebrando o nascimento do Salvador, não deveríamos?"

"É mesmo, o Natal está excessivamente comercializado" respondeu minha mãe.

Passamos pela prefeitura e vimos um cartaz pedindo às pessoas que fizessem suas doações natalinas aos necessitados. "E tem mais uma coisa", explodi, "odeio o modo como as pessoas sentem uma pontada de culpa no coração nesta época do ano e doam todos os seus cacarecos imprestáveis para a caridade. Por que não são generosas o ano todo? Como se pudessem enganar alguém".

Mamãe sorriu e disse: "O Natal é uma boa época para se começar".

Mas não levei em consideração o que ela tinha a dizer. Logo estava furiosa com todos e quando pegamos o caminho de volta decidi que não agiria de forma diferente só porque era Natal. Não seria hipócrita como o resto das pessoas. E quanto ao aniversário do Salvador, eu o comemoraria em abril.

Após o jantar, tiramos a mesa e nos sentamos para fazer as lições de casa. "Ei, você me ajuda com este problema de álgebra?" perguntou meu irmão Tom.

"Também tenho minhas lições para fazer", respondi com maus modos.

"Vamos lá, é Natal", ele tornou a pedir. Ora, aquilo era justamente o que eu não queria ter ouvido! Disse-lhe que não me importava se era Natal. Disse-lhe que fosse perguntar a alguém que tivesse tempo para responder-lhe.

"Serve alguém que precisa de bênçãos por estar agindo de maneira esquisita?", perguntou Tom.

"Muito bem", interrompeu a voz severa de mamãe." Parem com isto. Vou ajudá-lo, Tom. Este ano sua irmã está ressentida com o Natal".

Foi difícil concentrar-me na lição porque a feiúra estava crescendo dentro de mim. Não compreendia por que me sentia pior ao invés de melhorar. Afinal, não estava sendo uma hipócrita natalina, fingindo estar alegre enquanto pessoas do mundo inteiro estavam famintas e sofrendo.

Justamente naquele momento ouvimos a campainha da porta. Mamãe olhou-me e calmamente se dirigiu para a porta. Sua exclamação de surpresa fez com toda a família, inclusive eu, corresse para junto dela.

Lá estavam nossos mestres familiares vestidos como pastores. Eles esperaram até que todos estivéssemos reunidos. "Estamos a caminho de Belém", disse um deles, "e pensamos em parar aqui para contar-lhes o que aconteceu. Vejam, estávamos guardando nossos rebanhos, quando de repente um anjo nos apareceu. Na hora, ficamos apavorados, mas o anjo nos disse:

"Não temais, porque eis que vos trago novas de

grande alegria, que será para todo o povo".

"Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor." (Lucas 2:10–11)

Havia algo na simplicidade e sinceridade da mensagem, que me tocou profundamente. Meus lábios começaram a tremer, e mordi-os rapidamente para mantê-los sob controle. Não ouvi mais nada. Estava muito ocupada relembrando o quanto tinha sido desagradável com todos, só porque não desejava ser hipócrita. Estivera agarrando-me ao pensamento do quão horríveis as pessoas eram, quando não desejava mudar para melhor. Pelo menos uma parte do ano, as pessoas de quem eu estivera reclamando eram gentis e generosas, o que com certeza eu não tinha sido.

"Estamos indo ver o milagre que está ocorrendo", disse o outro pastor. Com essas palavras, eles desapareceram na noite, deixando-nos em silêncio, a meditar sobre sua maravilhosa mensagem.

Então compreendi. Eles iam partilhar o evento maravilhoso com outros, para ajudá-los a sentir o verdadeiro espírito do Natal.

Enxuguei meus olhos, respirei fundo e disse: "Também tenho minhas próprias mensagens de Natal para entregar. Virei-me para mamãe e abracei-a com o maior abraço de que era capaz e disse-lhe: "Perdoe-me por tudo que fiz você passar".

Ela sorriu e disse:"Acho que isso faz parte da arte de ser mãe".

Olhei para Tom, que sorria triunfantemente.

"Acho que a parte mais difícil, Tom, é pedir-lhe que me desculpe. Mas se não o fizer, você não acreditará quando eu lhe contar que esta noite meu coração mudou." Ele encolheu os ombros e saiu depressa. Notei, pela vermelhidão de suas orelhas, que ele certamente estava emocionado.

Segui-o até a mesa da cozinha e sentei-me. Perguntei-lhe: "Tom, posso ajudá-lo com aquele problema de álgebra?" □

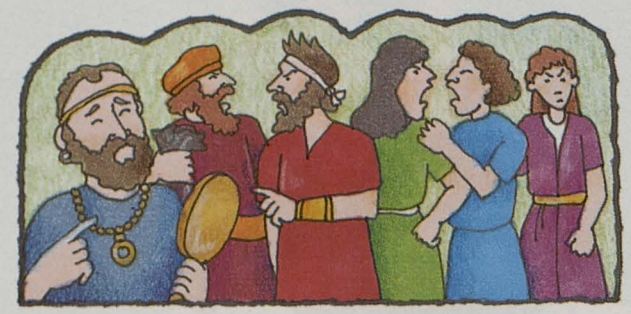


SEÇÃO INFANTIL

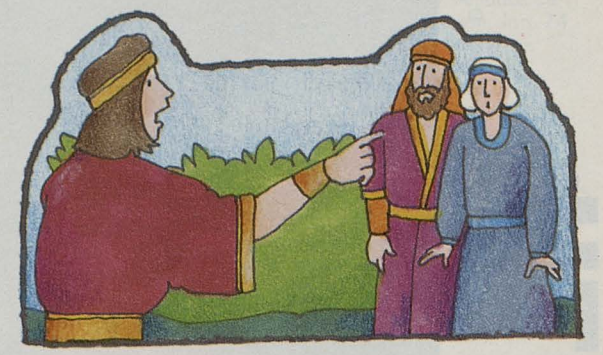
A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • DEZEMBRO DE 1995



N A T A L N A S



1 O povo da terra de Zaraenla tornara-se muito iníquo. (Ver Helamã 13:1–2.)



2 Um profeta lamanita, Samuel, apareceu entre o povo e avisou-os de que, se não se arrependessem, seriam destruídos. (Ver Helamã 13:3–6.)



3 Ele disse-lhes que se eles se arrependessem poderiam ser perdoados de seus pecados devido ao sacrifício de Jesus Cristo, que em breve nasceria. (Ver Helamã 14:2, 12–15.)



4 Samuel profetizou que Jesus Cristo nasceria em cinco anos, que na noite anterior ao seu nascimento grandes luzes apareceriam no céu, que haveria um dia, uma noite e um dia sem escuridão, e que uma nova estrela apareceria—"uma que nunca vistes antes". (Ver Helamã 14:2–6.)



5 Aqueles que acreditaram nas palavras de Samuel e se arrependeram foram batizados por Néfi, um homem reto que vivia na terra de Zaraenla. (Ver Helamã 16:1.)

ILUSTRADO POR SHAUNA MOONEY KAWASAKI

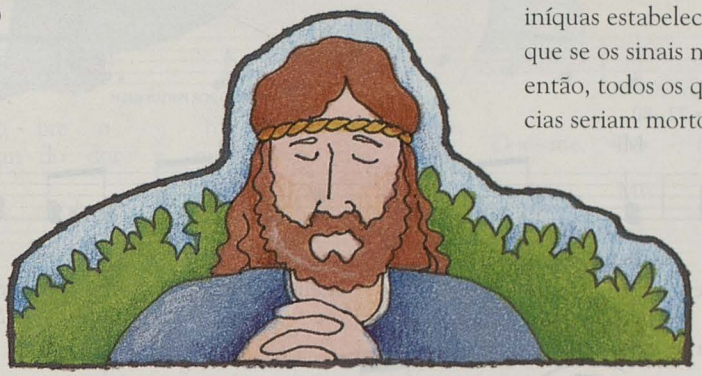
AMÉRICAS



6 Muitos habitantes de Zaraenla, porém, endureceram o coração e não se arrependeram. (Ver Helamã 16:2.)



7 Quando se aproximou a época do cumprimento da profecia de Samuel, as pessoas iníquas estabeleceram uma data, dizendo que se os sinais não acontecessem até então, todos os que acreditavam nas profecias seriam mortos. (Ver 3 Néfi 1:9.)



8 No dia marcado, Néfi, filho daquele Néfi que havia batizado muitos dentre o povo, orou ao Senhor por eles durante o dia todo. (Ver 3 Néfi 1:2, 10–12.)



9 Néfi recebeu a promessa do Senhor de que os sinais de seu nascimento aconteceriam naquela noite. Quando o sol se pôs, à tarde, não houve escuridão. Os justos, e até muitos dos iníquos, souberam que Jesus Cristo, o Filho de Deus, nasceria no dia seguinte. Uma nova estrela apareceu no céu. (Ver 3 Néfi 1:12–21.)



10 "E assim terminou o nonagésimo segundo ano, trazendo alegres novas ao povo em virtude dos sinais que apareceram, segundo as palavras das profecias de todos os santos profetas." (3 Néfi 1:26.) □

CANÇÃO DE NINAR DE MARIA



ILUSTRADO POR PHYLUS LUCH

Expressivo ♩ = 72–80

Mi♭ fa m

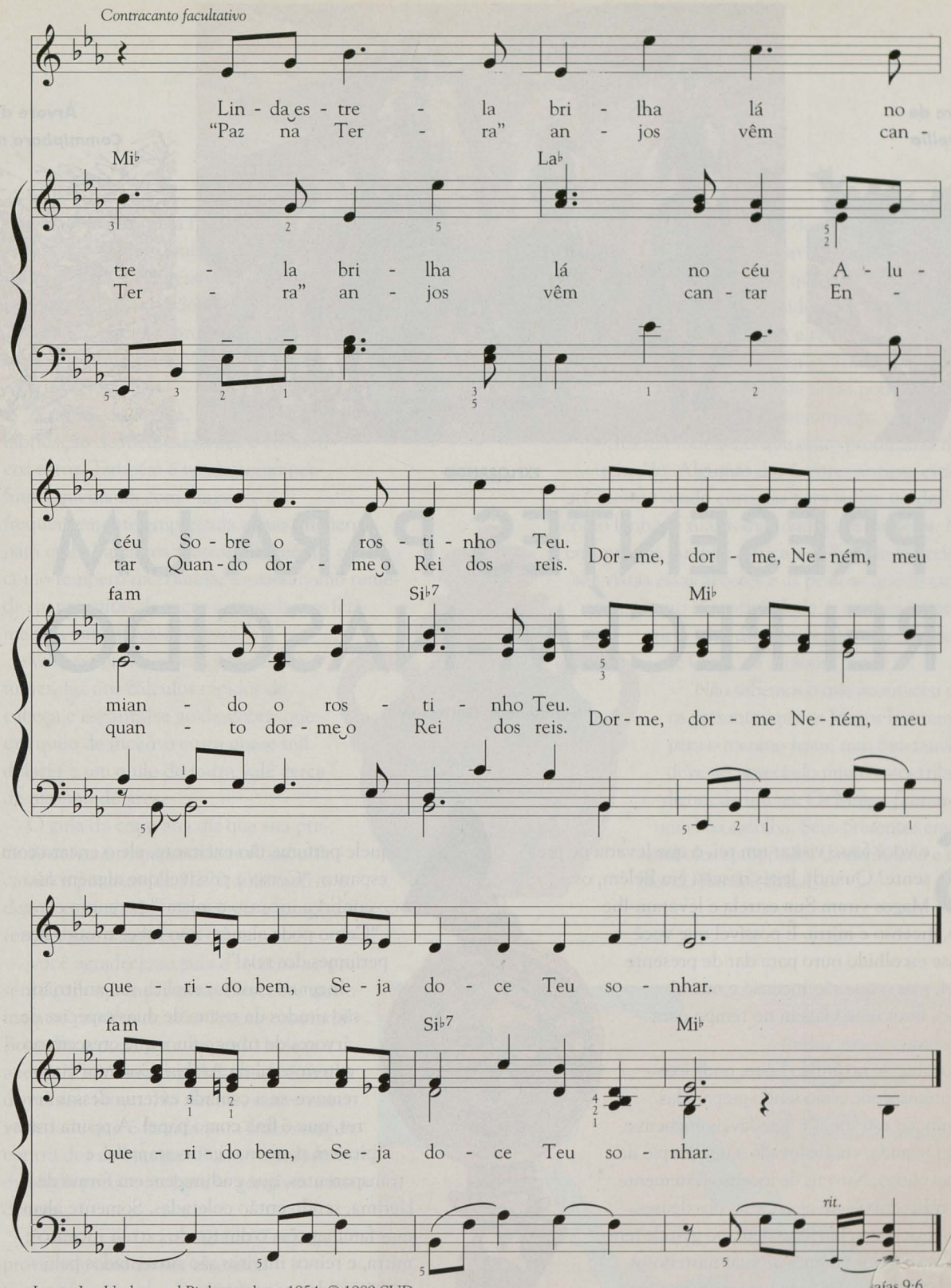
1. Dor - me, dor - me, Ne - ném, meu que - ri - do bem, Fe - cha os
2. Tu - a mãe, com a - mor e com de - di - ca - ção, O Teu

Si♭ Mi♭

o - lhos de - va - gar. Dor - me, dor - me, Ne - ném, meu
so - no ve - la - rá; E Jo - sé, com fer - vor, com

fa m Si♭7 Mi♭

que - ri - do bem, Se - ja do - ce Teu so - nhar. Lin - da es -
fé no co - ra - ção O In - fan - te guar - da - rá. "Paz na



Letra: Jan Underwood Pinborough, n. 1954. © 1989 SUD
Música: Canção folclórica alemã; arr. de Darwin Wolford, n. 1936.
Arr. © 1989 SUD. Esta música pode ser copiada para uso no lar ou na Igreja, sem fins comerciais.

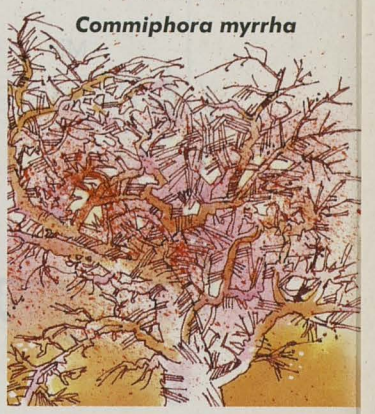
saías 9:6
Lucas 2:7–19
Mateus 2:1–2

Árvore de
Boswellia





Árvore de
Commiphora myrrha



EXPLORANDO

PRESENTES PARA UM REI RECÉM-NASCIDO

Geraldine A. Garretson

Se você fosse visitar um rei, o que levaria de presente? Quando Jesus nasceu em Belém, os Magos viram Sua estrela e levaram-lhe ouro, incenso e mirra. É possível que você tivesse escolhido ouro para dar de presente ao rei, mas o que são incenso e mirra? Vamos fazer uma viagem no tempo para descobrir.

Imagine-se no antigo Egito, onde existem múmias que estão sendo preparadas. Fragrâncias estranhas e agradáveis enchem o ar. Em seguida, você é levado a um templo da Grécia antiga. Nuvens de incenso fortemente romático envolvem as estátuas dos deuses. his tarde, na velha Jerusalém, no grande templ encontra os mesmos aromas misteriosos.

Depois, o viajar para o norte numa caravana de ca los pelas difíceis trilhas da península arábica, ocê percebe os mesmos aromas. Ao pergunta o guia da caravana o que exala aquele perfume tão excitante, ele o encara com espanto: "Como é possível que alguém não conheça incenso e mirra?" pergunta ele. "Como pode alguém não saber o valor dos perfumes dos reis?"



Ouro

Incenso e mirra, explica seu anfitrião, são tirados da resina de duas espécies de árvores de tronco fino, que crescem no extremo sul da Arábia. Com um cinzel remove-se a camada externa dessas árvores, que é fina como papel. A resina transpira em pequenas gotas amarelas e transparentes, que endurecem em forma de lágrima, sendo então coletadas. Somente algumas famílias têm o direito de extrair incenso e mirra, e reinos inteiros são sustentados pelo comércio desses perfumes.

O incenso é muito procurado para ser usado nas cerimônias dos templos de muitas religiões, assim como para uso religioso no lar. Quando

queimado, exala uma fumaça de aroma agradável. Também é usado como perfume. As pessoas consideram seu aroma sagrado e puro. Acreditam que esse aroma agrada a Deus e garante proteção contra maus espíritos e doenças.



Incenso

A mirra, diz o guia, é utilizada na fabricação de medicamentos e cosméticos caros. Também é usada como perfume, queimada como incenso e freqüentemente empregada como ungüento para embalsamar os mortos. Também é usada como tempero na comida, tomada como remédio para muitas doenças e passada nos ferimentos para apressar a cura.

Você pergunta o preço desses perfumes, faz uns cálculos rápidos de cabeça e espanta-se ao descobrir que um quilo de incenso custa quase mil dólares e um quilo de mirra vale cerca de oito mil dólares.

O guia da caravana diz que sua preciosa carga é transportada no lombo de camelos por mais de 3.200 quilômetros e depois enviada de navio a reis e templos de terras distantes.



Mirra

Você agradece ao guia e retorna ao presente para aprender mais. Descobre que o incenso provém de uma árvore chamada *Boswellia* e pode ser comprado hoje por apenas 15 dólares o quilo! Ainda é usado da mesma forma. Na Arábia, existe uma variedade que é fervida para fazer remédio contra dor de barriga. Outra variedade é mascada porque faz bem às gengivas e aos dentes.

A mirra, cujo nome significa "amargo", provém de uma árvore chamada *Commiphora myrrha*. É atualmente comercializada também a quinze dólares o quilo e usada na fabricação de perfumes, desinfetantes bucais, pastas de dente e remédios.

O guia da caravana ficaria surpreso e triste se soubesse que o incenso e a mirra não são mais considerados importantes. Muitas das cidades e reinos construídos para seu comércio encontram-se agora em ruínas. Hoje, somente umas poucas toneladas são produzidas anualmente, em lugar das três mil toneladas que eram produzidas no passado. Algumas das árvores antigas estão até mesmo sendo cortadas para serem usadas como lenha, e suas folhas dadas aos camelos. No entanto, na Arábia, África e Índia, ainda podem ser vistas essas árvores e as pessoas que as cultivam. Como na antigüidade, o melhor incenso e mirra vêm de uma pequena região ao Sul de Omã, na Arábia.

Não sabemos o que aconteceu com os presentes que os Magos levaram para o menino Jesus, mas Sua família deve ter apreciado muito esses tributos dignos de um rei. Os Magos fizeram uma boa escolha. Seus presentes eram símbolos apropriados da divindade e realeza do Rei dos Reis. □



DAR PRESENTES

Karen Ashton

"Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber" (Atos 20:35).



Já aconteceu de você querer tanto um brinquedo, um jogo ou um equipamento esportivo, a ponto de ter pedido muitas vezes a seus pais que o comprassem para você, imaginando como ficaria feliz ao brincar com ele? Quando finalmente ganhou o presente, ele era tudo aquilo que você esperava? Ficou desapontado? Cansou logo de brincar com ele? Ele acabou quebrando ou ficou estragado pelo uso? Às vezes, achamos que certas coisas vão nos fazer felizes, mas a felicidade duradoura não está nas coisas que possuímos.

A felicidade está em fazer algo bom ou gentil para outra pessoa. Já teve a oportunidade de planejar uma surpresa especial para um amigo ou parente? Não foi ótimo? Alguma vez você já trabalhou bastante para poder comprar um presente, sabendo que a pessoa iria gostar de ganhá-lo? Não foi emocionante? Já teve a chance de ajudar um menino mais novo a fazer algo que ele não conseguia fazer sozinho? Ou já passou algum tempo junto de alguém que estava precisando de carinho e atenção? A felicidade que sentimos quando amamos e servimos outras pessoas fica conosco por muito tempo.

A décima terceira Regra de Fé relembra-nos que "cremos em (. . .) fazer o bem a todos os homens". Quando fazemos o bem a outras pessoas, *nós* próprios sentimos uma grande felicidade.

Jesus disse: "Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber" (Ver Atos 20:35). Podemos dizer que dar presentes deixa-nos mais felizes do que recebê-los.

Instruções

Cole ou copie o desenho da caixa de presente em uma folha de cartolina. Pinte ou decore o desenho e recorte-o nas linhas cheias. Abra os dois buracos. Dobre os lados e abas nas linhas pontilhadas. Cole as abas de baixo nas de cima.

Pense num parente ou amigo que gostaria de surpreender com um presente especial de seu tempo e de seu amor. Escreva o que você fará por essa pessoa em uma das tiras de papel e coloque-a numa das aberturas no lado da caixa de presente. Passe uma fita pelos buracos do alto da caixa e amarre as pontas. Sua caixa de presente está pronta para ser pendurada na árvore ou oferecida a alguém. Você pode usar esta caixa como modelo para fazer muitas outras, usando cartolina ou papel de embrulho grosso.

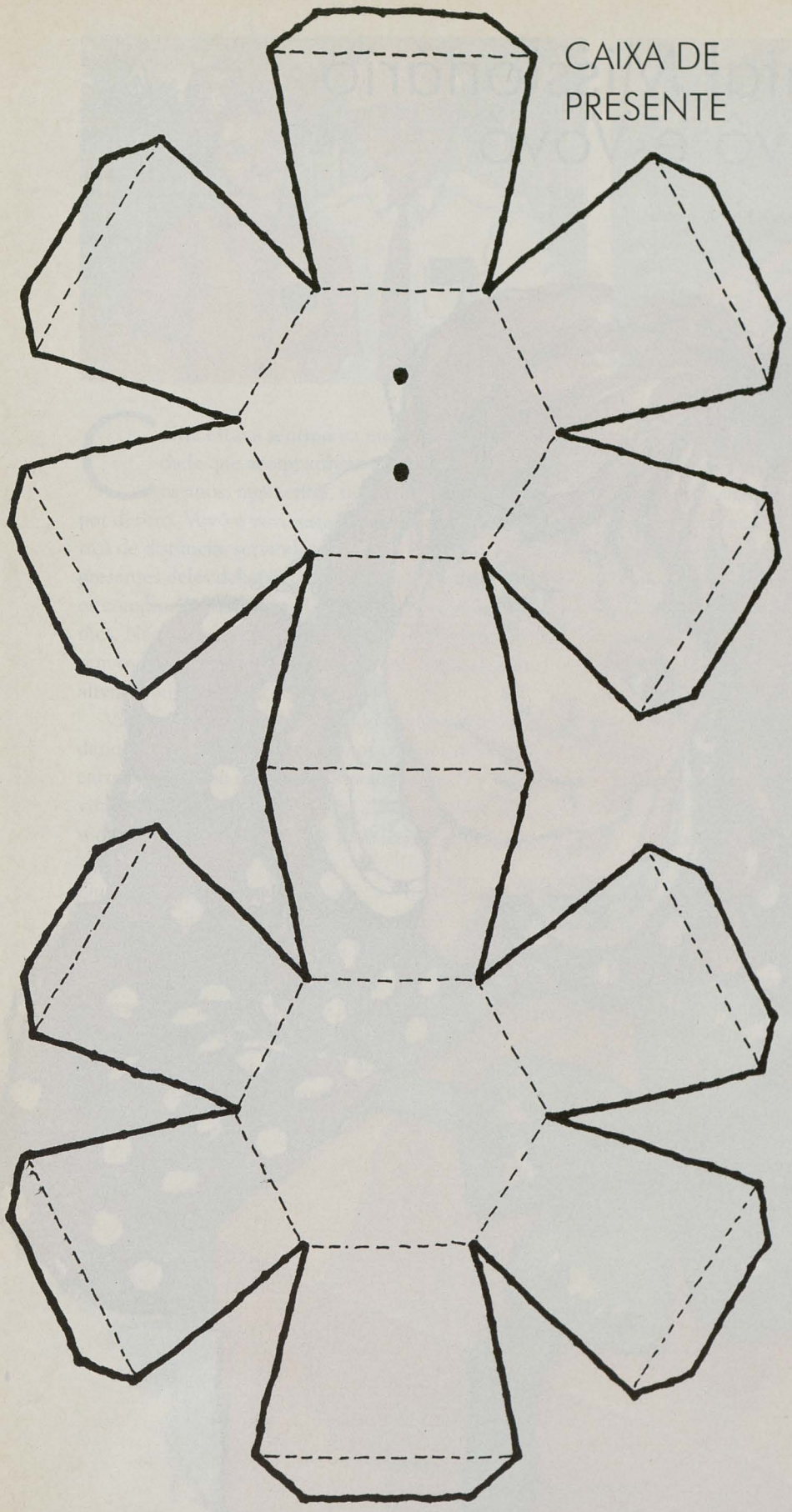
Sugestões para o Tempo de Compartilhar

1. Converse com as crianças a respeito da possibilidade de darmos presentes de nosso tempo, amor e serviço. Distribua cartões de papel e peça às crianças que desenhem o próprio rosto no cartão. No verso, cole um pequeno bilhete com os seguintes dizeres: "Este ano, eu serei o presente: meu sorriso, meu amor, minha ajuda." *Peça às crianças que embrulhem o cartão como presente de Natal.*

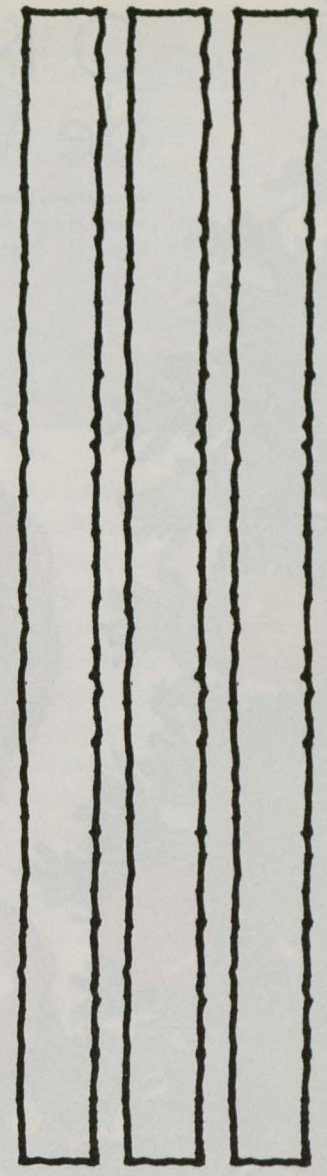
2. Prepare uma lista de dons que o Pai Celestial e Jesus nos deram e escreva cada dom em uma tira separada de papel. Coloque uma tira em cada caixa e embrulhe as caixas para presente. Numere as caixas e escreva uma pista em cada uma delas, para ajudar as crianças a descobrirem qual é o dom nela contido. Depois que se sentarem novamente, abra as caixas, uma de cada vez, e converse sobre os dons que recebemos do Pai Celestial e o tipo de coisas que podemos fazer para retribuir.

3. Esconda vários objetos pequenos, que as crianças mais novas conheçam, em um saco de papel. À medida que tirar os objetos do saco, sugira um presente de amor e bondade que as crianças podem oferecer em casa, usando esses objetos. Por exemplo: um brinquedo—*você pode recolher seus brinquedos;* um livro de gravuras—*você pode ajudar seu irmãozinho ou irmãzinha a ver o livro de gravuras;* o desenho de um menino sorrindo—*você pode ser alegre e feliz.* □

CAIXA DE PRESENTE



TIRAS DE PAPEL PARA ANOTAR O PRESENTE A SER DADO



ILUSTRADO POR SHAUNA MOONEY KAWASAKI
FOTOGRAFIA DE MAREN E. MECHAM



O Natal Missionário de Vovô e Vovó

Jana Jones Steed

(Baseado em cartas escritas à filha da autora pelos avós missionários.)



ILUSTRADO POR TAIA MORLEY





Carrie estava sentindo a mesma emoção e felicidade que acompanham a época de Natal todos os anos; mas sentia, também, um certo vazio por dentro. Vovô e vovó estavam a milhares de quilômetros de distância, servindo missão no Paraguai. Havia presentes deles debaixo da árvore, mas fora mamãe que os comprara e escrevera "Do vovô e da vovó" nos cartões. Não era a mesma coisa. Carrie estava feliz por estarem os avós a serviço do Pai Celestial, mas isso não aliviava aquela sensação de vazio.

Várias semanas depois, quando Carrie estava ajudando a mãe a guardar os últimos enfeites de Natal, o carteiro entregou uma carta. Era endereçada a Carrie e vinha do Paraguai! Carrie abriu a carta rapidamente e sentou-se com a mãe no sofá para lê-la:

Querida Carrie,

Pensei muito em você no dia de Natal. Imaginei você com sua mãe e seu pai, em volta da árvore de Natal, abrindo os presentes e, depois, comendo peru assado e torta de abóbora. Nosso Natal no Paraguai foi muito diferente, e achei que você gostaria de saber como foi.

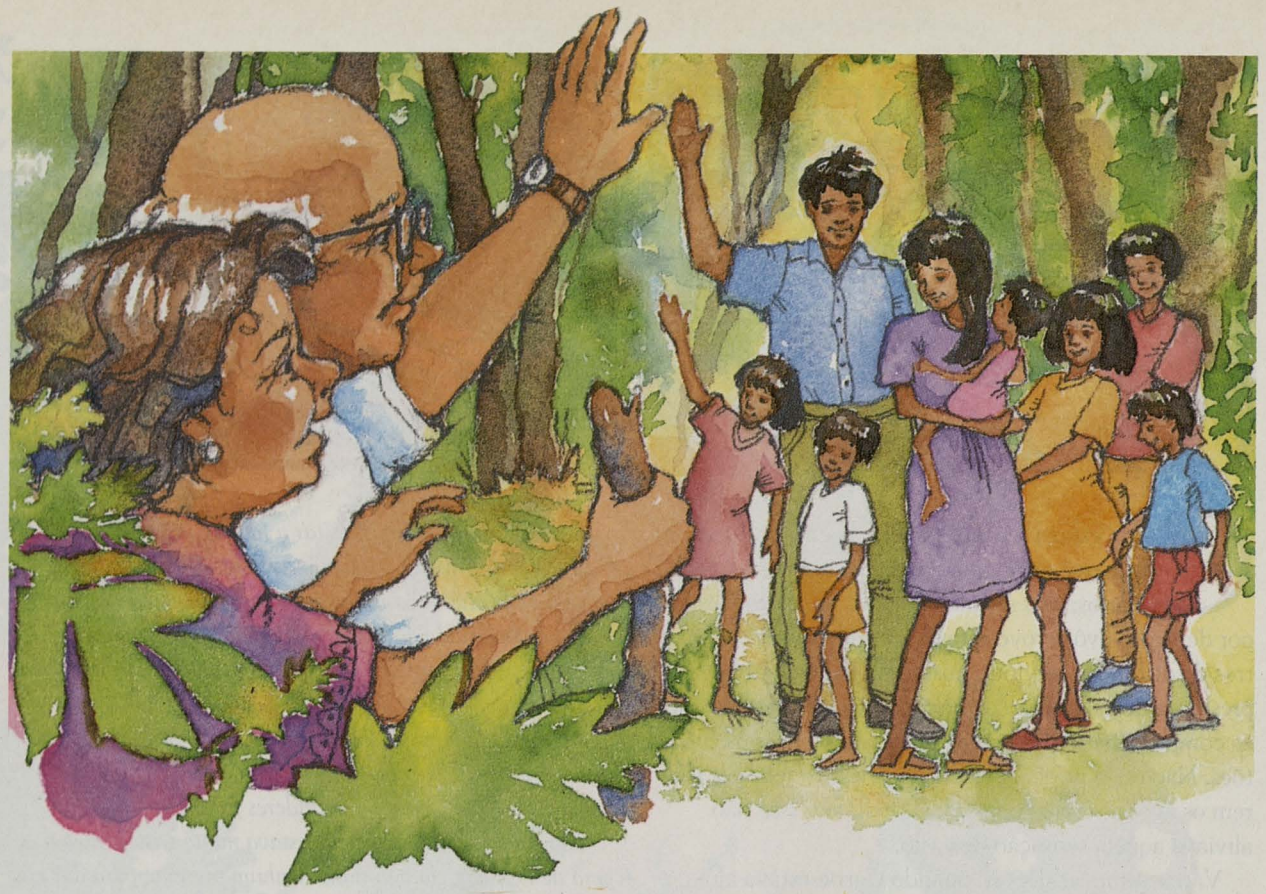
Decidimos que iríamos visitar a família Ugarte no Natal. Eles moram 80 quilômetros floresta a dentro, em uma pequena vila chamada Itaquiri. Há uma pequena capela de madeira construída ali, onde poderíamos passar a noite. A família Ugarte é formada pela avó, o pai, a mãe e onze filhos. Não poderíamos ficar na casa deles, pois nela só há dois quartos e duas camas. Colocamos alguns presentes no porta-malas do carro e partimos para a casa deles, na manhã da véspera de Natal. Dois jovens élderes foram conosco.

Em Itaquiri, a irmã Ugarte estava muito triste. Era véspera de Natal, e ela não tinha nenhum presente para dar aos filhos. Todo o seu tempo e dinheiro mal davam para sustentar aquela grande família. Não sobrava nada para comprar presentes nem mesmo para preparar um prato especial para o Natal.

Ela trabalhou a manhã inteira. Lavou a roupa no riacho e estendeu-a para secar sobre os arbustos. Cuidou do jardim e cozinhou arroz e feijão preto para o almoço. Depois de comerem, embalou o bebê e remendou as roupas.

Enquanto trabalhava, ela orava: "Pai Celestial, por favor, faze com que nossos bons amigos, os missionários, venham visitar-nos no Natal. Sei que é um longo caminho para eles,







mas isso tornaria esse dia muito especial. Por favor, Pai Celestial."

Não sabíamos que ela esperava nossa visita. O Espírito disse-nos que seria bom se o fizéssemos. Uma ponte fora carregada pela correnteza, e por isso tivemos que andar os últimos quilômetros em meio à floresta. Ah! Como a família Ugarte ficou feliz quando nos viu chegar caminhando pelo meio das árvores!

Naquela noite, realizamos uma noite familiar muito especial, na pequena capela de madeira. A bela história do nascimento de Cristo foi narrada, e as pessoas prestaram testemunho. Depois disso, ficamos ali sentados, por longo tempo, contemplando as estrelas silenciosas e cantando os sagrados hinos de Natal.

Os filhos da família Ugarte não compreenderam muito bem quando vovô tentou passar por Papai Noel, na manhã seguinte, mas gostaram dos presentes simples que receberam. Havia uma pequena boneca para cada uma das meninas menores, um sabonete perfumado para as meninas mais velhas e um brinquedo de corda para os meninos.

Sentimos a falta de nossos próprios netos queridos, mas este Natal, no Paraguai, foi muito especial para nós. Os melhores presentes que podemos dar ou receber no Natal são o amor e o serviço.

Quero muito saber como foi o seu Natal, Carrie. Espero que também tenha sido repleto daquele sentimento especial que acompanha o Natal, e que você não tenha sentido demais a nossa falta.

Com amor,
Vovó e vovô

Carrie sentiu novamente aquela emoção e felicidade que acompanham o Natal, e a sensação de vazio desapareceu. □





ENFEITES DE ÁRVORES DE NATAL



Para fazer os enfeites, você precisará de papel de presente ou um cartão de Natal usado, papelão, tesoura, cartolinas coloridas, cola e um pedaço de linha.

1. Cole uma figura do papel de presente ou do cartão de Natal no papelão, depois recorte a figura, deixando orelhas nas bordas (veja a ilustração).

2. Corte um pedaço de cartolina longo o bastante para circundar a figura (veja a ilustração) sobrepondo as pontas. Cole a parte sobreposta.

3. Dobre as orelhas e cole-as dentro do círculo de cartolina.

4. Pegue um pedaço de linha dupla, passe-a pelo círculo e dê um nó.





DEIXE NEVAR

Para fazer um frasco de neve, você precisará de um frasco pequeno e transparente, de vidro, com uma tampa de rosquear; tinta acrílica e pincel; um pequeno boneco de plástico, cola à prova d'água, tesoura e um saco plástico branco (ou purpurina).

1. Para ter certeza de que o frasco não vazará, encha-o de água, rosqueie a tampa e vire o frasco de cabeça para baixo.

2. Derrame a água e seque a tampa. Depois, pinte o lado externo da tampa e deixe secar totalmente.

3. Cole o boneco de plástico no lado de dentro da tampa e deixe a cola secar. (Não permita que a cola atinja a borda interna da tampa, pois isso estragará a vedação.)

4. Corte o saco plástico em vários pedacinhos até cobrir completamente o fundo do frasco. Pode-se usar purpurina em vez de plástico.

5. Ponha água no frasco quase até enchê-lo e feche-o bem apertado. Para tornar o frasco ainda mais à prova d'água, passe cola à prova d'água na borda interna da tampa antes de rosqueá-la.

6. Agora, vire o frasco de cabeça para baixo, chacoalhe-o e "deixe nevar". □



ILUSTRADO POR SHAUNA MOONEY KAWASAKI

FAZENDO AMIGOS

HORVÁTH GERGÖ, IMRE E PÉTER, DE BUDAPESTE, HUNGRIA

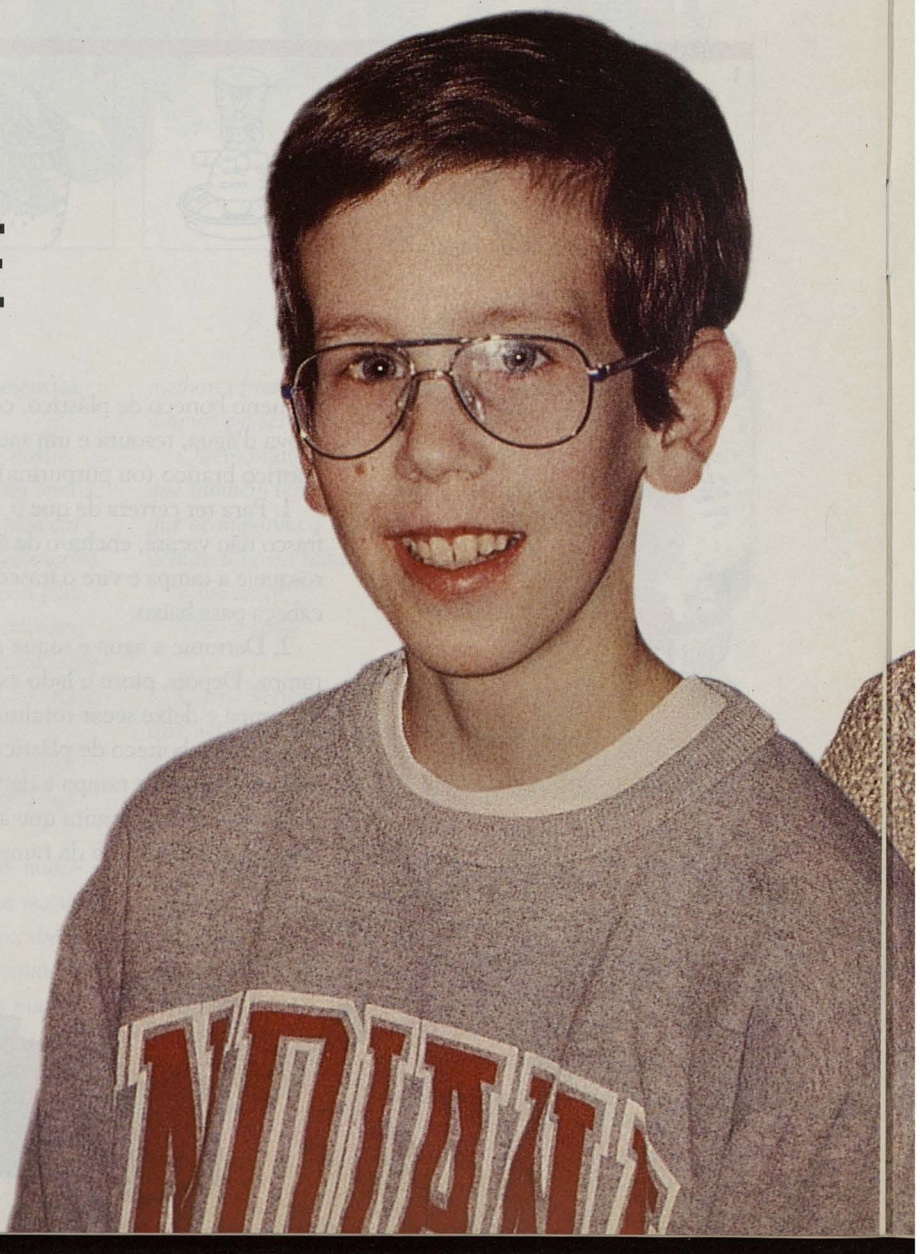
Janet Peterson
FOTOGRAFIAS DO AUTOR E DE MARVIN K. GARDNER

O lindo "Danúbio azul" corta Budapeste ao meio. Budapeste que é a capital da Hungria, é composta de duas cidades—Buda e Peste, cada qual situada numa das margens do rio. No alto das colinas de Buda, três meninos SUD, Horváth Gergö (11 anos), Imre (10 anos) e Péter (8 anos), vivem com seus pais. (Os sobrenomes na Hungria vêm antes do nome).

Sendo uma das maiores cidades do leste europeu, Budapeste oferece uma maravilhosa diversidade de experiências históricas e culturais. A família Horváth aprecia a ópera e o balé. Como a família tem apenas três ingressos válidos para todo o festival cultural, os meninos comparecem aos eventos por turnos. Eles assistiram à *Flauta Mágica*, de Mozart, várias vezes; é a ópera favorita de Gergö. Imre jamais quer perder um espetáculo de balé, pois aprecia o movimento gracioso dos bailarinos.

A música também faz parte da vida dos meninos em casa, na escola e na Igreja. Gergö e Imre tiveram aulas de flauta na escola, ensaiam em casa com afinco e às vezes acompanham os hinos cantados nas reuniões sacramentais. Os hinos que gostam de tocar são "Tão humilde ao nascer" e "Semeando". Péter gosta de cantar, principalmente "Sou um filho de Deus". Os meninos da família Horváth freqüentemente participam da abertura das reuniões da Primária, das aulas e do Tempo de Compartilhar.

"Nossa família aprecia muito divertir-se e trabalhar junta", diz a irmã Horváth. Explica que anualmente os



Horváth plantam uma horta grande, porque "podemos fazer as coisas crescerem bem aqui".

Péter e seus irmãos gostam de jardinagem. Durante os meses de inverno, estudam os catálogos de plantas e sementes e escolhem o que querem plantar. Este ano Gergö encomendou vinte e cinco mudas de morango e Imre escolheu mudas de framboesa. Todos os anos a irmã Horváth inicia o plantio das sementes em caixinhas, dentro de casa, para depois transplantá-las no seu lugar definitivo quando chega a primavera. Ela também ama as flores. Todos eles já aprenderam que o cultivo de uma horta ou de um jardim é um processo que requer tempo. Para obter-se um bom resultado é preciso trabalhar muito, aguar, arrancar as ervas daninhas e proteger as plantinhas.

Péter, Imre e Gergö também gostam de ajudar a mãe na cozinha, principalmente quando têm convidados para o jantar. Frango com páprica e goulash, dois famosos pratos húngaros, são os que eles mais gostam de preparar e comer. Também apreciam muito as tortas que a mãe faz para sobremesa.

Seu pai, também chamado Imre, é um engenheiro aposentado. Os meninos e ele, durante os meses de verão, gostam de escalar as montanhas que circundam Budapeste; também gostam de jogar xadrez juntos durante o inverno. Gergö, Imre e Péter acham que qualquer estação do ano é boa para a prática de luta corpo a corpo. Péter gosta de andar de bicleta pela vizinhança,



Imre joga futebol sempre que tem uma oportunidade e Gergö desafia seus irmãos em jogos no computador.

Os meninos estão no primeiro grau escolar e aprendem matemática, ciências, linquagem e atualidades. Imre é excelente em leitura e Gergö em matemática.

Sua mãe, Erzsébet, juntou-se à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em junho de 1990, quando seu primo lhe apresentou dois missionários que tinham chegado a Budapeste, vindos da Missão Viena Leste Áustria. O pai, embora não seja membro da Igreja, é um grande apoio para as atividades religiosas da família. Os três meninos foram batizados quando completaram oito anos de idade.

Um mês após o batismo da irmã Horváth, uma nova missão foi estabelecida na Hungria, e muitos missionários foram designados para lá. Como a sede da missão é em Budapeste, Gergö, Imre e Péter têm muitas oportunidades de conviver com os missionários. É comum os missionários recém-chegados hospedarem-se na casa dos Horváth, quando a casa da missão tem muita gente. Imre ficou muito feliz de conhecer um missionário, o élder Thomas Emery Peterson, que além de gostar de luta corpo a corpo tem o primeiro e o segundo nomes iguais aos dele—Imre (Emery) Thomas. Cada um dos meninos Horváth quer servir como missionário.

A família toda viaja anualmente para Freiberg, na Alemanha, para a irmã Horváth poder ir ao Templo. Ela diz: "As crianças gostam de ir a Freiberg e sempre nos lembram a época de irmos. Enquanto estou no Templo, eles ficam do lado de fora, mas nos sentimos muito próximos. Isto é importante para mim".

Gergö, Imre e Péter aguardam ansiosos o dia em que poderão freqüentar o templo, seja em Freiberg, ou, sonhando com o futuro, talvez em sua própria cidade de Budapeste. □





Na foto de cima, **Péter prepara seu prato predileto, frango com páprica.** ***Acima,*** **a família Horváth recebe a visita de missionários de tempo integral,** ***Abaixo:*** **Imre e Gergö tocando um hino.**



"Mais abençoado e Virtuoso"

"Adorai ao Senhor na beleza da sua santidade" (I Crônicas 16:29).

O evangelho nos ensina a seguir o Salvador, "o Santíssimo de Israel", e a tentarmos ser mais semelhantes a Ele (2 Néfi 25:29). O hino-oração "Mais vontade dá-me", que destacamos este ano, começa e termina, em inglês, com nosso apelo por "mais santidade". (*Hinos*, 1990, número 75.)

A santidade é um dom divino que usufruímos devido à expiação do Salvador. Quando guardamos os convênios que fizemos com o Senhor e nos arrependemos de nossos pecados, Sua expiação permite que o Espírito Santo participe de nossa vida.

OS ESFORÇOS CRISTÃOS DEDICADOS NOS CONDUZEM À SANTIDADE

Tornar-se santificado requer arrependimento, autocontrole e sacrifício. Requer continuidade, esforços dedicados e é atingida por um pensamento e uma ação de cada vez. Requer uma fé tão profunda em Cristo que nossa vida começa a refleti-la. Uma vez perguntaram ao Presidente Gordon B. Hinckley: "Qual é o símbolo de sua religião?" Ele respondeu: "[Jesus] nos disse qual deveria ser o símbolo quando afirmou: "Se me amais,guardai os meus mandamentos" (João 14:15). Nossa vida deve tornar-se um símbolo de significado profundo, o símbolo da declaração de nosso testemunho do Cristo vivo, o Filho Eterno do Deus vivo" (*A Liahona*, abril 1995, pág. 4 a 7).

Os membros da Igreja no mundo inteiro esforçam-se para viver uma vida cristã. Um deles é uma tranqüila e idosa irmã chamada Dolly Ndholovu, que se associou à Igreja em Soweto, na África do Sul em 1984, servindo em vários chamados desde essa época. Ela recebeu em seu lar dezenas de órfãos, criando muitos deles com seus próprios filhos.

Quando o filho dela se formou na faculdade, Dolly mandou construir uma garagem ao lado da casa para guardar o carro dele. Contudo, a garagem terminou servindo para um propósito bem diferente. Na década de 80, Soweto não tinha capela, e as pessoas tinham dificuldade em ir até Johannesburg para serem batizadas. Assim, com a aprovação dos líderes do sacerdócio, Dolly e o filho construíram uma pia batismal na garagem. Muitos membros do ramo foram batizados lá.

Atualmente Dolly serve como oficiante no Templo de Johannesburg, na África do Sul. Suas manifestações diárias de fé e amor abençoaram a vida de muitos, permitindo que o Senhor também a abençoasse.



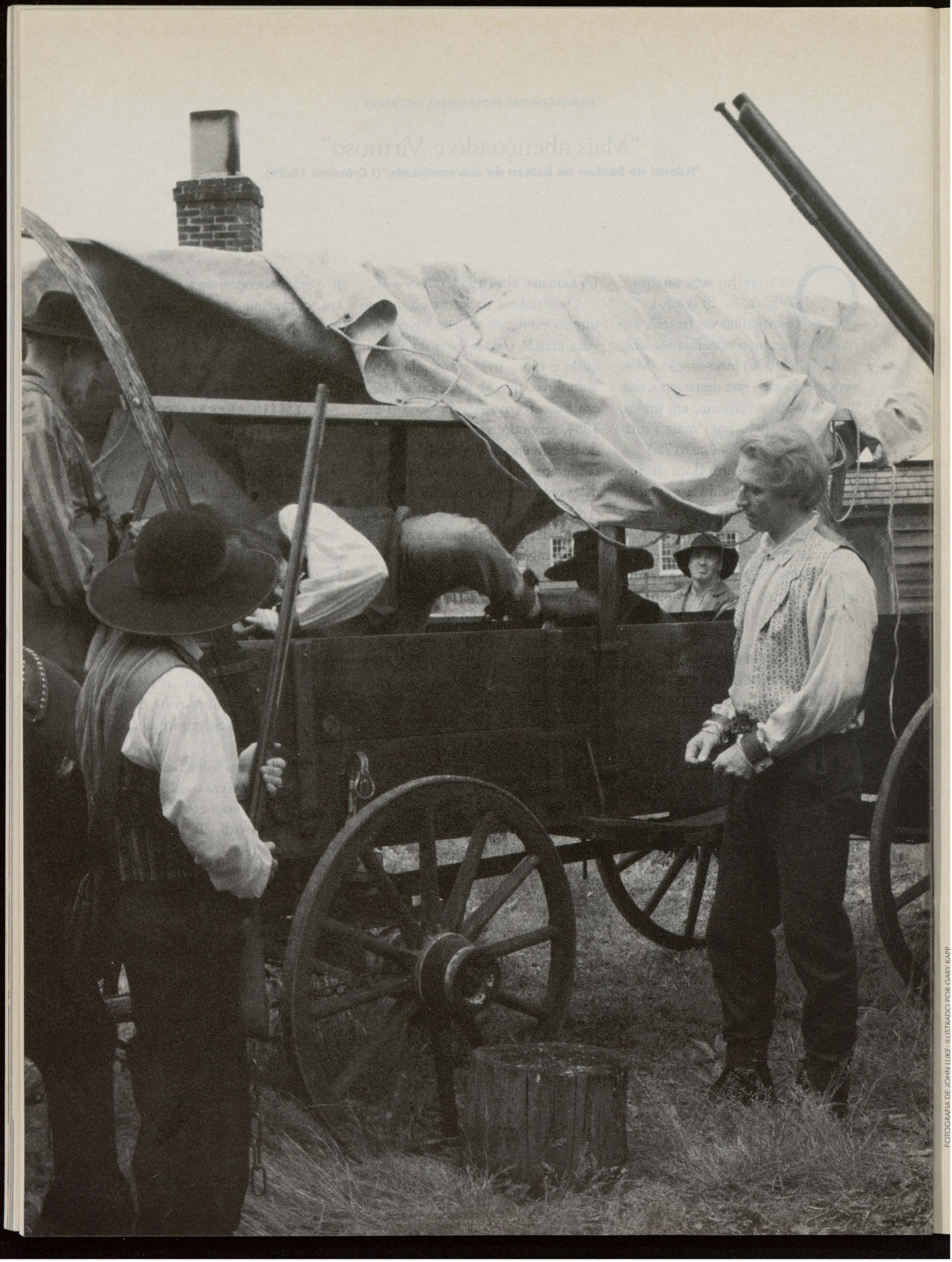
ILUSTRADO POR DILLEEN MARSH

OS DISCÍPULOS DO SENHOR "PERMANECEM EM LUGARES SANTOS"

O Senhor disse que seus discípulos permanecerão em lugares santos e não serão abalados (Ver D&C 45:32). Os locais sagrados incluem o Templo, mas também se estendem a outros lugares. O Presidente Boyd K. Packer disse que "a capela, a sede da estaca e o Templo são sagrados por contribuírem para a edificação da instituição mais sagrada da Igreja—o lar—e para abençoar as relações mais sagradas na Igreja, as relações familiares" [*That All May Be Edified*, (Para que Todos Sejam Edificados) pág. 234–35].

Se desejamos a influência sagrada do Espírito Santo em nosso lar, devemos fazer dele uma casa de oração, de fé, de ensino, de glória e de ordem. (Ver D&C 88:119.) Embora lutemos contra as imperfeições, podemos centralizar nosso lar e coração em Cristo. Podemos estender a benevolência aos outros, nutrindo nosso espírito e preenchendo nossa vida com a consciência de Deus, tornando-nos mais semelhantes ao Salvador, o Senhor.

- *De que maneira a santidade é sua própria recompensa?*
- *Como podemos fazer de nosso lar um lugar sagrado?* □



FOTOGRAFIA DE JOHN LUKE; ILUSTRADO POR GARY KAPP

Os Inimigos Tornaram-se Seus Amigos

O amor que Joseph Smith demonstrou pelos inimigos muitas vezes fez com que passassem a respeitá-lo e apoiá-lo.

Duane C. Knowles



Muitos de nós já testemunhamos eventos em que a influência do Espírito transformou o preconceito dos incrédulos em compreensão da bondade do evangelho da paz. Corações e mentes se abriram, e filhos e filhas de Deus decidiram seguir a Cristo.

O Profeta Joseph Smith encontrou muitas pessoas que, tocadas por seu testemunho, abraçaram o evangelho restaurado e aceitaram-no como profeta do Senhor. Aliadas a seu testemunho, a personalidade e a influência semelhantes às de Cristo, que Joseph possuía, geralmente faziam com que as pessoas deixassem de persegui-lo e passassem a apoiá-lo, mesmo aquelas que guardavam sentimentos hostis para com ele.

Os seguintes relatos da vida do Profeta Joseph ilustram a observação, feita por Parley P. Pratt, de que "até mesmo os inimigos mais ferrenhos de Joseph eram geralmente conquistados, se ele conseguisse fazer com que o ouvissem uma única vez."[1]

A LEI ESTAVA DO SEU LADO

Em junho de 1830, o Profeta viajou até Colesville, Nova Iork, para pregar e batizar. Quando lá chegou, soube que seus seguidores haviam preparado diversos amigos para o batismo. Depois dos batismos, marcou-se uma reunião para aquela noite, na qual seriam confirmados os novos membros.

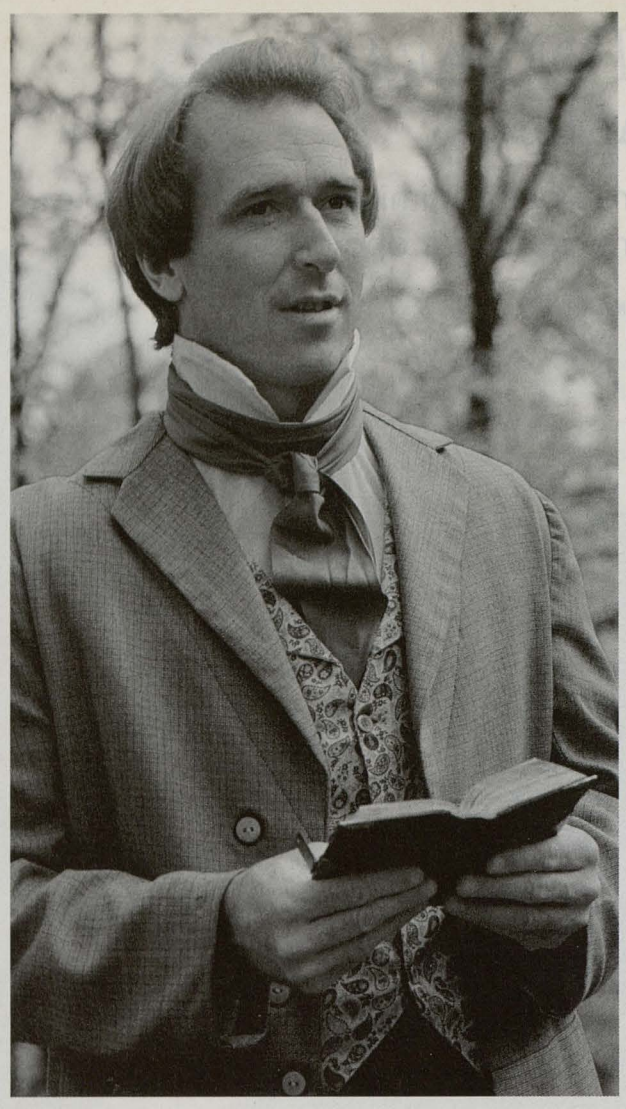
Quando as pessoas começaram a se reunir na hora designada, Joseph foi preso, "acusado de ser um desordeiro e provocar tumulto na região com a pregação do Livro de Mórmon." No entanto, o policial mudou de opinião, pelo que tudo indica, depois de conhecer o profeta:

"O policial informou-me, pouco depois de me prender, da intenção de meus acusadores de me entregarem nas mãos do populacho, que estava emboscado à minha espera; o policial, porém, estava determinado a salvar-me, pois percebera que eu era uma pessoa muito diferente da descrição que lhe fizeram."[2]

***Esquerda*: Em outubro de 1838, o Profeta Joseph Smith, aqui representado em um filme da Igreja, foi traído pelos oficiais do governo. Apesar de ter sido aprisionado injustamente por quatro meses, fez amizade com seus inimigos e podia transitar livremente entre eles.**

***Acima*: Quando Joseph visitava os pais, homens armados apareceram para prendê-lo. Ao ser apresentado por sua mãe, Joseph sorriu, adiantou-se e apertou-lhes a mão. Seus modos afáveis convenceram-nos de que não era criminoso nem tampouco hipócrita.**

FOTOGRAFIA DE JOHN LUKE; ILUSTRADO POR GARY KAPP



Um converso inglês relatou que, durante o último sermão pregado por Joseph, um homem suspeito de ser um dos membros da turba ficou tão emocionado que manifestou sua decisão de jamais combater os mórmons novamente.

Apesar de ter o dever de levar o prisioneiro para o tribunal, o policial manteve sua palavra de proteger Joseph do populacho. A caminho da cidade, a carroça do policial foi cercada pelos que pretendiam atacar Joseph. Antes que pudessem fazê-lo, o policial frustrou-lhes o intento, chicoteando os cavalos e fazendo a carroça passar rapidamente pelo meio deles.

Naquela noite, os dois pousaram em uma taverna. O policial deixou que Joseph dormisse na cama e deitou-se no chão, com os pés contra a porta e uma espingarda carregada a seu lado; pois, nas palavras de Joseph: "Disse que, se fôssemos abordados de modo contrário à lei, lutaria para defender-me, até o limite de sua capacidade."[3]

No dia seguinte, Joseph foi inocentado, e ele e o policial despediram-se como amigos.

MANOBRAS MILITARES

Na primavera de 1834, um grupo de cerca de 200 élderes, conhecido como o Acampamento de Sião, marchou quase 1.500 quilômetros, de Kirtland até Ohio, para ajudar os santos necessitados que haviam sido expulsos de seus lares, no condado de Jackson, pelo povo de Missouri. Os habitantes de Missouri que planejavam atacar o grupo de socorro tiveram seus intentos frustrados por uma forte tempestade que os debandou.

Dois dias mais tarde, o Coronel Sconce, líder da turba, e outros de seus integrantes, abatidos pela fúria da tempestade, reuniram-se com os homens do Acampamento de Sião para saber quais eram suas intenções. Joseph relata o seguinte:

"Ergui-me e, dirigindo-me a eles, relatei o sofrimento dos santos do condado de Jackson e todas as perseguições que temos sofrido de modo geral (. . .); disse que não tínhamos a intenção de molestar (. . .) qualquer pessoa, mas apenas ajudar (. . .) nossos irmãos aflitos; e que os boatos maldosos que circulavam a nosso respeito eram falsos, tendo sido espalhados por inimigos que procuravam destruir-nos. Quando terminei meu longo discurso, cujo espírito encheu-lhes o coração de compaixão, ergueram-se e estenderam-me a mão, dizendo que usariam toda sua influência para acalmar os ânimos exaltados em toda parte contra nós. Choraram ao saber de nossas aflições e perseguições, percebendo serem boas as nossas intenções. Conforme prometeram, esforçaram-se incansavelmente para acalmar os ânimos entre o seu povo."[4]

Apesar disso, quatro anos mais tarde, um evento ocorrido em 6 de agosto de 1838, dia de eleições, em Gallatin, capital do condado de Daviess, precipitou a

expulsão dos santos do estado de Missouri. Houve um tumulto quando os santos foram impedidos de votar, mas ninguém foi morto. Apesar de Joseph não ter estado presente, logo se espalharam rumores de que ele teria matado sete homens no local da votação.

Poucos dias mais tarde, quando Joseph visitava os pais, um grupo de homens armados chegou até a casa. Oito oficiais entraram e asseguraram à mãe de Joseph que matariam "Joe Smith e todos os mórmons". Ela negou que Joseph estivera no condado quando os homens supostamente foram mortos. "Além disso", disse ela, "se vocês o conhecessem, não iriam querer matá-lo."

"Cavalheiros", disse então, "permitam-me apresentar-lhes Joseph Smith, o Profeta." Ela prossegue em sua narrativa: "Eles fitaram-no como a um fantasma. Joseph sorriu, adiantou-se e estendeu-lhes a mão, de modo a deixá-los convencidos de que não era criminoso nem tampouco hipócrita.

Joseph sentou-se e explicou-lhes o ponto de vista (. . .) da Igreja e seu desenvolvimento até então, bem como o tratamento que haviam recebido de seus inimigos desde o princípio. Declarou também que se algum dos irmãos tivesse transgredido a lei, deveria ser julgado de acordo com a mesma, antes que qualquer outra pessoa fosse molestada. Depois de conversar com eles daquela maneira por algum tempo, disse: 'Mãe, acho que já vou para casa. Ema está me esperando.' Nesse instante, dois dos homens levantaram-se bruscamente e disseram-lhe que não deveria ir sozinho, pois era muito perigoso, e que eles o acompanhariam para protegê-lo. Os três saíram juntos. Enquanto estavam fora, ouvi os oficiais que ficaram junto à porta conversarem da seguinte maneira:

Primeiro oficial: 'Você não sentiu algo esquisito quando Smith apertou sua mão? Nunca senti nada parecido em minha vida.'

Segundo oficial: 'Não conseguia me mexer. Eu não tocaria num cabelo daquele homem por nada deste mundo.'

Terceiro oficial: 'É a última vez que me pegam saindo para matar Joe Smith ou qualquer dos "mórmons".'

Primeiro oficial: 'Acho que é a última vez que venho para este lugar. Nunca vi uma pessoa de aspecto tão inocente e inofensivo como o Profeta "mórmon".'

Segundo oficial: 'Aquela história de ele ter matado todos aqueles homens é tudo (. . .) mentira, sem dúvida alguma. Tivemos todo esse trabalho por nada. Mas nunca mais vão me enganar dessa maneira, isso eu garanto.'

Os homens que acompanharam meu filho até sua casa prometeram dissolver a milícia que lideravam e voltar para seus lares, e foi o que fizeram."[5]

PREGANDO NA PRISÃO

As mentiras contra os santos, porém, continuaram a espalhar-se. Joseph fez o possível para desfazer os preconceitos que se alastravam, até que, em outubro de 1838, os líderes da Igreja foram traídos em Far West, Missouri, pelos oficiais do governo local.

Joseph e seus irmãos foram julgados em Richmond, Missouri, e ficaram presos na cadeia de Liberty por quatro meses. Por fim, no início de abril de 1839, Joseph foi levado a Gallatin para outro julgamento. Um companheiro de cela, Alexander McRae, relata que, durante um dos recessos do julgamento, Joseph fez amizade com os guardas.

"A partir dessa época, até sairmos da prisão", prossegue o relato de McRae, "todos os guardas sob cuja custódia éramos deixados tornavam-se tão nossos amigos que os oficiais do governo deixavam de confiar neles, sendo freqüentemente trocados. Sentávamos sempre na mesa principal, junto com o juiz, os advogados, etc. Recebíamos o melhor tratamento que o estado podia nos oferecer, inclusive colchões de penas, um privilégio que não tínhamos desfrutado até então, em todo o tempo que passáramos na prisão."[6]

Peter H. Burnett, conselheiro legal dos prisioneiros, escreveu: "[Joseph] tinha muita influência sobre os outros . . . Pouco antes de deixá-lo para retornar a Liberty, eu o vi em meio à multidão, conversando com todos,



Enquanto estava na cadeia de Carthage, Joseph (ao centro, representado em um filme da Igreja), pregou com tamanha autoridade que alguns dos guardas reconheceram ser falsas as acusações feitas contra os prisioneiros, e muitos foram embora para casa.

parecendo estar perfeitamente à vontade. No curto período de cinco dias, havia conseguido abrandar de tal forma o coração de seus inimigos, a ponto de poder caminhar entre eles desprotegido, sem o menor perigo."[7]

Depois do julgamento em Gallatin, os oficiais da lei (que aparentemente acreditaram na inocência dos prisioneiros) deram a Joseph e seus companheiros a oportunidade de escapar. Aproveitando essa chance, cruzaram a fronteira e foram para o estado de Illinois.[8]

Cinco anos mais tarde, no dia 18 de junho de 1844, nove dias antes do martírio de Joseph e em meio à agitação provocada pelo populacho, Joseph fez seu último discurso público. É bem possível que o homem na audiência, descrito pelo converso inglês Charles Lambert, tivesse sido um membro arrependido da turba:

"Estive presente ao último sermão pregado pelo Profeta (. . .) Foi vigoroso. Havia um homem alto, em pé atrás de mim, que chorava e soluçava. Quando me voltei para fitá-lo, ele disse que jamais tornaria a combater os mórmons, nunca mais. Eu não o conhecia."[9]

Em 24 de junho de 1844, Joseph Smith entregou-se às autoridades legais que queriam levá-lo a julgamento por traição. Naquele dia, cavalgou com seus companheiros até Carthage. É bem conhecido o fato de que Joseph e seus companheiros de prisão pregaram aos guardas da cadeia de Carthage, mas a reação de alguns dos guardas não é de conhecimento geral. Dan Jones, um membro da Igreja que testemunhou os acontecimentos, relata:

"Alguns de nós ficamos nos revezando no trabalho de pregar aos guardas, (. . .) e muitos deles foram desobrigados antes do final de seu turno, por admitirem ter sido convencidos da inocência dos prisioneiros, o que os tornava inadequados para o cargo! Freqüentemente, admitiam ter sido influenciados pelas histórias contadas pelo populacho. (. . .) Acreditaram em nosso testemunho a ponto de confessar que as acusações feitas pela turba não passavam de mentiras levantadas no intuito de vingarem-se de J. Smith. (. . .) Mais de uma vez ouvimos alguém dizer: 'Vamos embora, pessoal, pois não vou lutar contra esses homens.'"[10]

Dois dias após o martírio, o irmão Jones esteve no velório de Joseph e Hyrum, realizado na casa de Joseph, em Nauvoo. Mais tarde, relatou que contemplara "sem dúvida alguma, os dois homens mais sábios e virtuosos da face da Terra, sendo que os vira, pouco antes, pregando ternamente, por entre as barras da cadeia, o evangelho da paz àqueles que queriam matá-los."[11] Se Joseph tivesse conseguido falar com aqueles que o mata-

ram, deixando-os sentir seu grande espírito e amizade, sem dúvida alguns deles também teriam o coração abrandado.

RETRIBUINDO O MAL COM O BEM

Sempre vítima de perseguição e injustiça implacáveis, o profeta da Restauração, escolhido por Deus, foi um exemplo da admoestação do Salvador: "Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e perseguem; para que sejais filhos de vosso Pai que está nos céus(. . .)" (3 Néfi 12:44–45).

Joseph, porém, fez mais do que apenas usar palavras ternas guiadas pelo Espírito para demonstrar amor e compaixão por seus inimigos. O tratamento bondoso que concedeu a dois perseguidores rancorosos é um exemplo disso.

A mandado do governador de Missouri, dois agentes, Reynolds e Wilson, prenderam Joseph em Nauvoo, em junho de 1843. Maltrataram cruelmente o prisioneiro, golpeando-lhe o lado com seus revólveres, fazendo-lhe ameaças de morte e levando-o prisioneiro antes que pudesse despedir-se da família.

Os papéis logo se inverteram, quando os dois oficiais foram forçados a retornar a Nauvoo para serem julgados por ameaçar a vida de Joseph e de outro membro da Igreja. Joseph organizou uma festa para comemorar seu retorno em segurança, e entre os convidados estavam Reynolds e Wilson.[12] Naquela tarde, num discurso dirigido aos cidadãos de Nauvoo, Joseph disse o seguinte a respeito de Reynolds e Wilson:

"Trouxe estes homens a Nauvoo para deixá-los sob custódia da cidade da qual me tiraram, não como prisioneiros acorrentados, mas como prisioneiros da bondade. Tratei-os bondosamente. Tive o privilégio de recompensar o mal com o bem. Eles me prenderam ilegalmente, trataram-me com severidade, tentaram privar-me de meus direitos e teriam me levado a Missouri para ser assassinado, se não fosse a intervenção da Providência Divina. Agora, estão em minhas mãos. Levei-os a minha casa, sentei-os à cabeceira da mesa e servi-lhes do melhor que podia oferecer. Foram servidos por minha esposa, de quem me haviam impedido de despedir-me quando me levaram à força daqui."[13]

O Presidente Lorenzo Snow certa vez deu o seguinte conselho a um grupo de missionários que partia para o campo: "Existe um modo de tocar o coração de todo ser humano, e é vosso dever encontrar um meio de atingir o coração daqueles a quem fostes chamados a [servir]."[14] Como o Apóstolo Paulo diante do rei Agripa (Ver Atos 26) ou Amon diante do pai do rei Lamôni (Ver Alma 20:8–28), Joseph, o Profeta, possuía o dom extraordinário de tocar o coração das pessoas, mesmo o dos inimigos, se conseguisse simplesmente fazer com que eles o ouvissem.

Esse dom é um dos muitos atributos pessoais que salientam a estatura profética de Joseph e nos lembram daquilo que nós próprios somos capazes de fazer com a ajuda do Senhor. □

NOTAS

1. *Autobiography of Parley P. Pratt* (Salt Lake City: Deseret Book Company, 1980), p. 46.
2. *History of the Church*, 1:88.
3. Ibid., p. 89.
4. *History of the Church*, 2:106.
5. *History of Joseph Smith by His Mother, Lucy Mack Smith* (Salt Lake City: Stevens & Wallis, Inc., 1945), p. 254–256.
6. *History of the Church*, 3:259.
7. Peter H. Burnett, *An Old California Pioneer* (Oakland: Biobooks, 1946), p. 40.
8. *History of the Church*, 3:320–321, Ver nota de rodapé.
9. Hyrum L. Andrus e Helen May Andrus, *They Knew the Prophet* (Salt Lake City: Bookcraft, 1974), p. 172.
10. Esta citação foi combinada de Dan Jones, "The Martyrdom of Joseph and Hyrum Smith", *Brigham Young University Studies*, 24 (Winter 1984):99 e Dan Jones, "The Martyrdom of Joseph Smith and His Brother, Hyrum!" Ibid., 24 (Winter 1984):89, daqui em diante citado como "Brother".
11. Jones, "Brother", p. 94.
12. *History of the Church*, 5:440–456, 460.
13. *History of the Church*, 5:467.
14. *Improvement Era*, dezembro de 1899, p. 128.

O NASCIMENTO DE JESUS

Toda época de Natal, a história do nascimento do Salvador é reverentemente reencenada por crianças de todo o mundo. Aqui a escritura contada é acompanhada de fotografias mostrando crianças do ramo de Jerusalém. As fotografias foram tiradas nos campos de pastores ao redor de Belém, no deserto da Judéia, e em Herodion — uma das fortalezas do palácio do rei Herodes.

E, *no sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, "A uma virgem desposada com um homem, cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria.*

E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres.

E, vendo-o ela, turbou-se muito com aquelas palavras, e considerava que saudação seria esta.

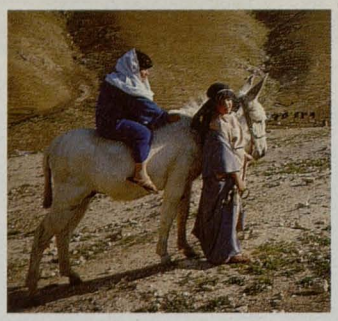
Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus.

E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e por-lhe-ás o nome de Jesus". (Lucas 1:26–31)

FOTOGRAFIA DE D. KELLY OGDEN



FOTOGRAFÍA DE D. KELLY OGDEN



"E aconteceu naqueles dias dias que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo mundo se alistasse.

(Este primeiro alistamento foi feito sendo Quirino presidente da Síria).

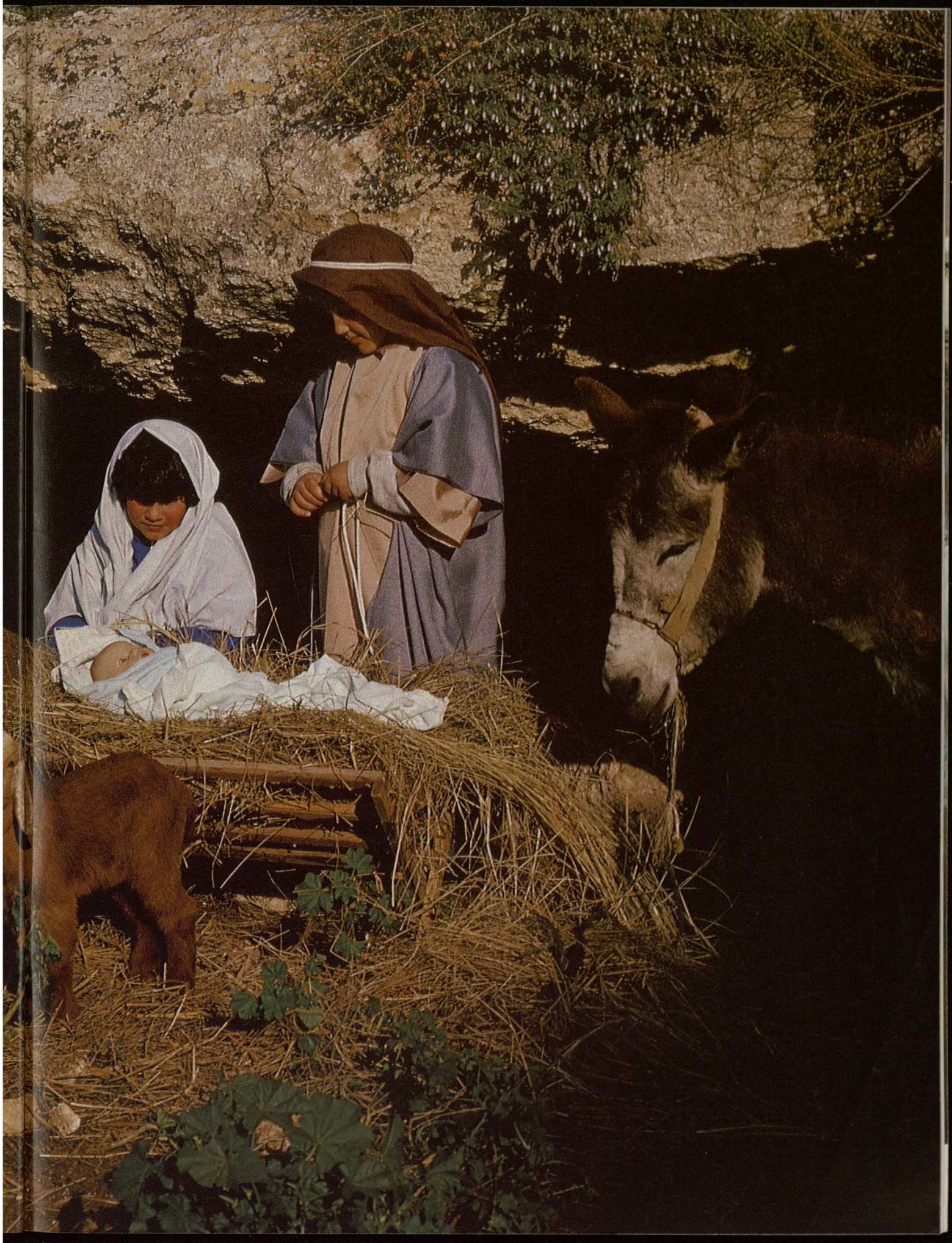
E todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade.

E subiu também José da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém (porque era da casa e família de Davi).

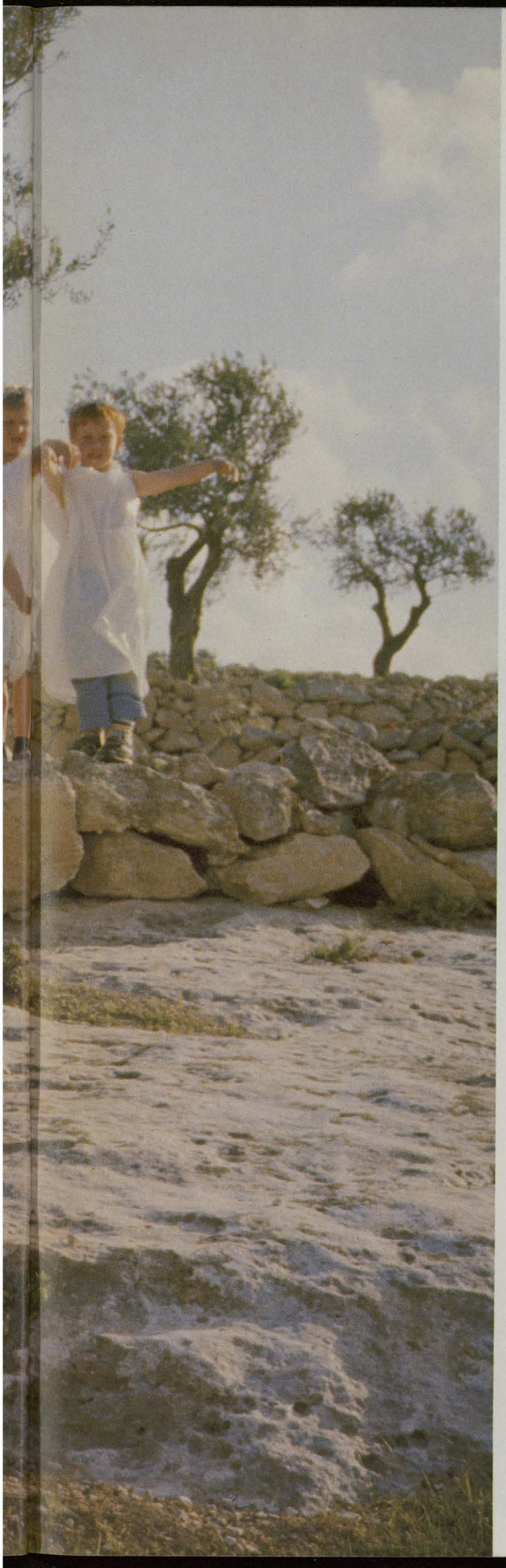
A fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida." (Lucas 2:1–5)

"E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz.

E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa majedoura porque não havia lugar para eles na estalagem." (Lucas 2:6–7)







"Ora, havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo, e guardavam, durante as vigílias da noite, o seu rebanho.

E eis que o anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor.

E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo:

Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.

E isto vos será por sinal: Achareis o menino envolto em panos, e deitado numa manjedoura.

E no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo:

Glória a Deus nas alturas, Paz na terra, boa vontade para com os homens." (Lucas 2:8–14)

"E aconteceu que, ausentando-se deles os anjos para o céu, disseram os pastores uns aos outros: Vamos, pois, até Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos fez saber.

E foram apressadamente, e acharam Maria, e José, e o menino deitado na manjedoura.

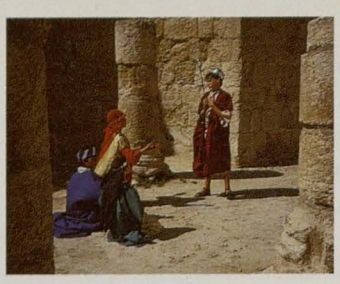
E, vendo-o, divulgaram a palavra que acerca do menino lhes fora dita;

E todos os que a ouviram se maravilharam do que os pastores lhes diziam.

Mas Maria guardava todas estas coisas, conferindo-as em seu coração.

E, voltaram os pastores, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes havia sido dito." (Lucas 2:15–20)





"E, tendo nascido Jesus em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém,

Dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos Judeus? porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo,

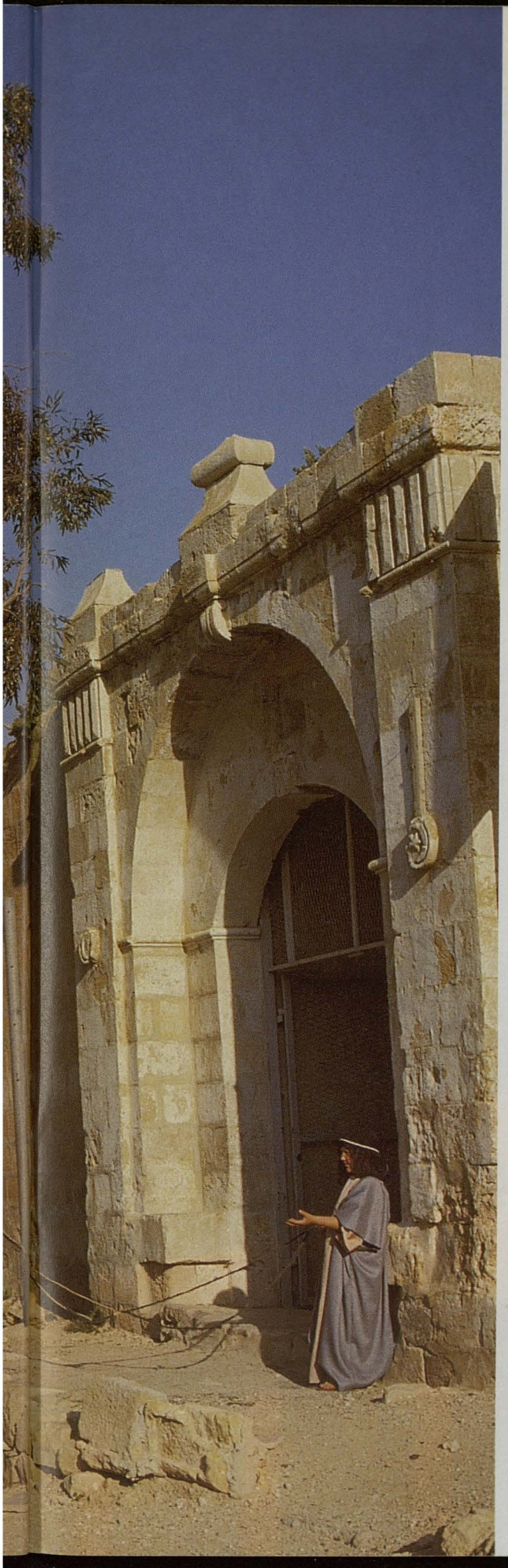
E o rei Herodes ouvindo isto, perturbou-se, e toda Jerusalém com ele.

E, congregados todos os príncipes dos sacerdotes, e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer Cristo.

E eles lhe disseram: Em Belém de Judéia; (. . .)

Então Herodes, chamando secretamente os magos, inquiriu exatamente deles acerca do tempo em que a estrela lhes aparecera.

E, enviando-os a Belém, disse: Ide, e perguntai diligentemente pelo menino e, quando o achardes, participai-mo, para que também eu vá e o adore."
(Mateus 2: 1–8)





"E tendo eles ouvido o rei, partiram; e eis que a estrela, que tinham visto no oriente, ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino.

E, vendo eles a estrela, regozijaram-se muito com grande alegria.

E, entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro, incenso e mirra."

E sendo por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho." (Mateus 2:9–12) □



FOTOGRAFIA DE RICHARD M. ROWNEY E CORTESIA DE DOMINGOS LIAO

A VIDA DE DOMINGOS LIAO

Richard M. Romney

Crocodilos, tubarões e cobras marinhas podem parecer coisas estranhas para mencionar como lembranças da infância, mas, quando Domingos Liao estava crescendo em Darwin, Austrália, elas faziam parte do seu dia-a-dia.

Domingos e seus amigos iam de bicicleta para a embocadura do Riacho Rápido (Rapid Creek), onde a água doce e a água do mar se misturavam.

Enquanto atravessavam a água rasa, esquivando-se das águas vivas ao sabor da corrente, eles ficavam atentos aos tubarões extraviados do mar, crocodilos enterrados na lama, cobras marinhas e o peixe-pedra com suas espinhas venenosas. Não obstante o risco, eles cruzavam o rio freqüentemente, atraídos pelo que iriam encontrar do outro lado.

"Era uma terra promissora", relembra Domingos. "Podíamos pegar baldes de peixe. As praias eram vazias e limpas. Havia campos verdes onde ninguém estivera antes."



Os rios da vida têm levado Domingos para longe do Riacho Australiano onde brincava quando era criança. E ele, muitas vezes, teve que nadar contra a corrente.

DIAS PASSADOS

Hoje uma ponte atravessa o rio. Os espaços abertos transformaram-se num parque com pistas para caminhadas e corridas, freqüentado por estudantes universitários. Domingos ainda gosta de visitar o rio, para relembrar e meditar.

Sua juventude é cheia de lembranças. Elas começam na Ilha de Timor, algumas centenas de milhas ao norte da Austrália. Seus pais eram chineses e trabalhavam na Colônia Portuguesa na época em que foi invadida pela Indonésia. Os homens fugiram para Portugal e as mulheres e crianças fugiram para a Austrália. "Minha mãe, eu e alguns parentes viemos em um dos dois barcos que escaparam", Domingos explica. "Tivemos sorte de sobreviver."

Mais tarde o pai de Domingos juntou-se a eles em Darwin. Graças a muito trabalho, a família prosperou. Mais dois meninos nasceram. Domingos aprendeu inglês.

FOTOGRAFIA DE RICHARD M. ROMNEY E CORTESIA DE DOMINGOS LIAO



Descobriu os esportes—karatê, tênis, futebol, handebol e voleibol. Destacou-se na escola, em música e artes plásticas. Trabalhava no restaurante de seu tio.

DIAS DE FÉ

Uma ocasião, sua tia, recentemente batizada na Igreja, apresentou os missionários à família Liao, que logo foi também batizada. Domingos conta que ficaram ativos por aproximadamente um ano. "Então meus pais pararam de ir. Eu continuei indo por algum tempo e depois comecei a jogar cricket aos domingos, mas minha consciência dizia-me que eu deveria estar na Igreja."

Nessa época o avô de Domingos, que vivia em Melbourne, sofreu um ataque cardíaco e não se esperava que ele sobrevivesse. Domingos tinha 16 anos e sentiu-se compelido a orar. "Eu disse ao Pai Celetial que, se desse uma chance ao meu avô, eu dedicaria minha vida à Igreja. Mas eu não esperei que ele se recuperasse. Quando voltamos para casa, voltei para a Igreja. Aprendi que, se você promete alguma coisa, deve cumpri-la."

O avô melhorou e, quando isso aconteceu, Domingos estava freqüentando a Igreja, não apenas para cumprir a promessa, mas porque ele realmente acreditava que estava fazendo a coisa certa.

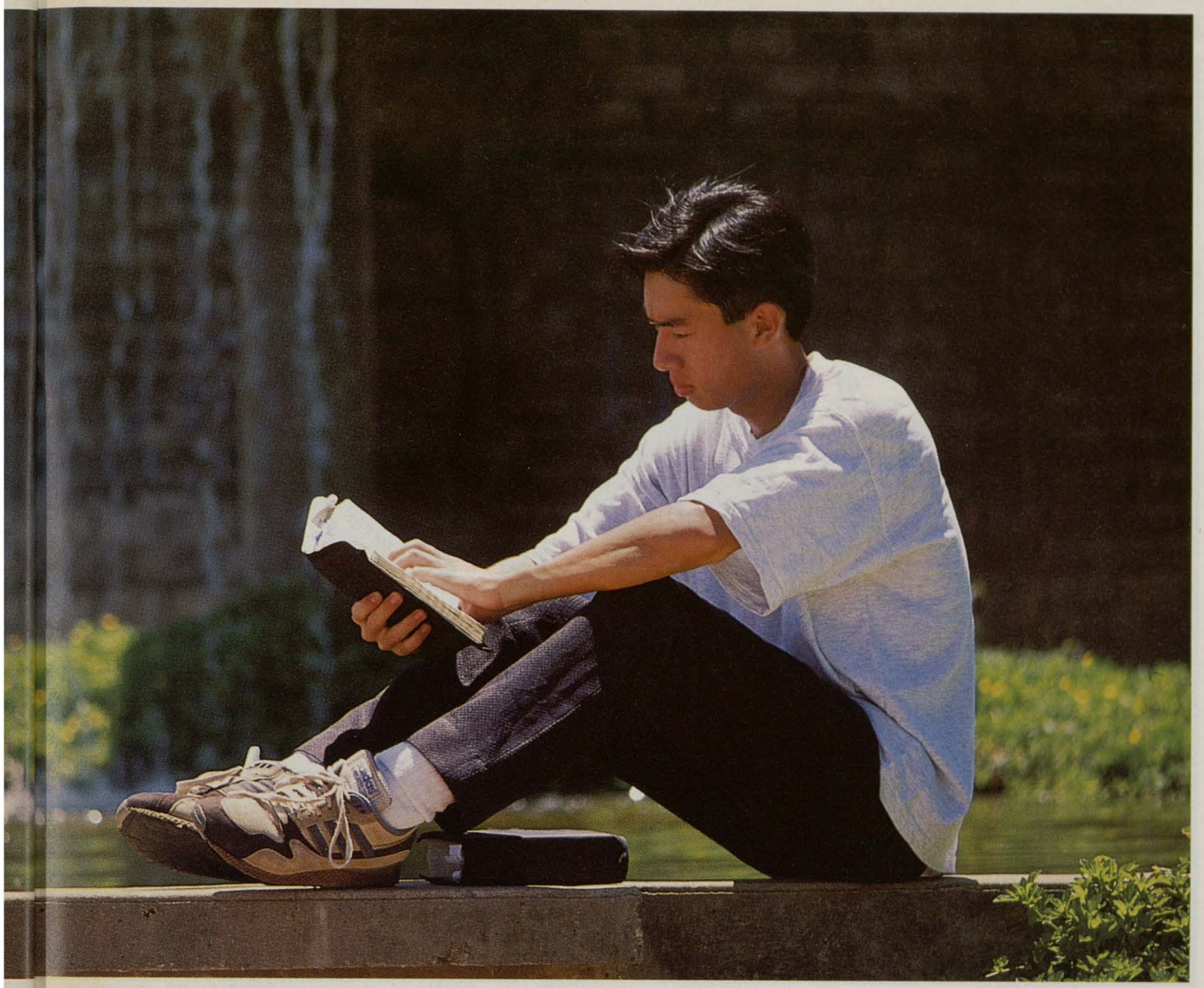
DIAS DE LUTA

Quando Domingos completou 18 anos, suas atividades na Igreja começaram a irritar seu pai.

"Papai achava que o seminário estava atrapalhando meus trabalhos de escola e proibiu-me de levantar



Sua família não queria que ele fosse para a missão, mas Domingos preparou-se do mesmo jeito. Algumas vezes ele passava o dia inteiro lendo as escrituras. Ele disse que as escrituras lhe trouxeram paz. "Elas me lembravam das coisas que eu devia estar fazendo."



cedo para ir à Igreja. Eu queria respeitá-lo, por isso deixei de ir. Mas eu continuava fazendo as lições em casa; como, porém, ele também não queria isso, deixei-as de lado.

Ele me pegava lendo as escrituras e achava que eu não tinha feito minhas lições de casa, embora minhas notas fossem boas. Um dia ele jogou minhas escrituras na lata de lixo. Eu passara os dois últimos anos lendo-as e marcando-as e elas são realmente preciosas para mim. Na manhã seguinte recuperei-as, porém tive que entregá-las ao presidente do ramo para guardá-las."

Algum tempo atrás o pai de Domingos proibiu-o de fazer todas as coisas que se relacionassem com atividades da Igreja—estudo das escrituras, atividades da Mutual, ensino familiar, e, finalmente as reuniões de domingo.

"Embora eu tivesse dezoito anos e fosse legalmente responsável, minha primeira reação foi obedecer. Realmente, você quer obedecer a seu pai porque ele é seu pai, mas eu sabia que não podia quebrar minha promessa ao Pai Celestial de ir à Igreja.

Meu pai disse que, se eu fosse naquele domingo, não me preocupasse em voltar. Então fiz minhas malas. Naquela noite minhas orações foram muito sinceras. Na manhã seguinte, quando ele me viu vestido, ficou furioso."

Domingos partiu, mas seus pais foram procurá-lo na capela. Eles fizeram um acordo de que ele poderia assistir às reuniões um domingo sim e um não. "Eu não estava feliz



com aquilo, mas era melhor do que nada", ele disse.

Na outra vez em que se arrumou para ir à Igreja, o pai novamente lhe disse que, se ele fosse, não poderia voltar. "Na segunda vez, foi tão ruim ou pior. Eu tinha estado esperando para receber minha bênção patriarcal, e o patriarca, que só podia nos visitar uma vez por ano, viera de muito longe. Cheguei lá na hora marcada, mas meu pai apareceu na mesma hora. Eu tive que ir para casa e não pude receber minha bênção."

A terceira vez que o pai dele fez uma coisa parecida, Domingos saiu de casa e mudou-se para a casa da avó. "Finalmente minha mãe apareceu e disse que meu pai estava bem e que não ficaria bravo novamente. Então eu voltei."

DIAS DE DECISÃO

Enquanto esteve na casa da avó, Domingos sentiu um desejo de servir como missionário de tempo integral. "Orei e recebi a certeza de que eu

Élder Liao teve grandes alegrias quando estava na missão, mas sua maior alegria seria compartilhar seu amor pelo evangelho com a família e fazê-los entender por que ele sofreu tanto, com paciência, para tornar-se missionário.

deveria ir quando tivesse dezenove anos. Daquele momento em diante, decidi-me—apenas precisava preparar-me.

Ele achou que, se concluísse seu primeiro ano, a Universidade do Território Norte permitiria que trancasse a matrícula por dois anos a fim de servir como missionário, mas ele teria uma pesada carga de aulas por alguns meses antes de partir. "Até mesmo meu orientador encorajou-me e disse que a missão seria uma boa experiência." Domingos continuou a fazer uma coisa que ele fizera desde a escola secundária—contar aos colegas sobre os passos do arrependimento e o plano de salvação.

Intensificou o estudo das escrituras, decorando muitas passagens. "As escrituras traziam-me paz", disse ele. "Elas lembravam-me das coisas que deveria estar fazendo."

Ele acompanhava os missionários de tempo integral quando davam palestras, freqüentemente prestando seu testemunho. Fazia um diário, escrevendo nele todos os dias. Seus líderes da Igreja entrevistaram-no, acharam-no digno e enviaram sua recomendação para a missão.

Daí, um dia, desta vez quando retornava da Igreja, seu pai ordenou-lhe que saísse de casa pela quarta vez. "Foi uma coisa bem definitiva", disse Domingos. "Ele não estava satisfeito com meus planos para uma missão. Disse-me que, se eu fosse, não seria mais seu filho."

O presidente do ramo de Domingos, Michael Kuhn, convidou-o para morar em sua casa até o chamado da missão chegar.

Terminadas as aulas, Domingos preenchia os dias com orações, com músicas edificantes, atividades da Igreja, trabalho missionário e estudo das escrituras. Algumas vezes ele lia as escrituras o dia inteiro.

DIAS DE JÚBILO

E então chegou a carta: "Você está sendo chamado para trabalhar na Missão Hong Kong." Domingos volta para casa, por algum tempo, para tentar fazer as pazes com a família antes de partir. "Eles concordaram, principalmente porque sabiam que não podiam mudar minha opinião." Antes de partir, a família saiu para jantar e tiraram muitas fotos de despedida.

Cartas escritas no Centro de Treinamento Missionário e no campo missionário refletem a alegria que rapidamente se seguiu:

—"No aeroporto encontrei um dos missionários que me haviam ensinado, Élder (Hoyt) Skabelund, a esposa, o bêbe e os pais. Eu estava aprendendo cantonês lentamente. As pessoas no CTM—Centro de Treinamento Missionário—eram maravilhosas"

—"Recebi duas cartas de minha mãe. Tudo está indo bem em casa. Eles estão sendo grandemente abençoados e reconhecem isso! Minha família e meus parentes estão felízes agora por eu estar servindo em uma missão. Certamente Deus é um Deus de milagres!"

—"Fiz minha primeira exposição de rua, falando com todos os que passavam. Já ensinei as seis palestras em cantonês."

—"Agora estou sendo transferido para Macau, uma colônia portuguêsa vizinha à Costa da China. Tenho muita sorte, porque não são muitos os missionários que servem aqui. Estamos ensinando um pesquisador e ele será batizado. Eu sei que Deus me chamou aqui para fazer um trabalho especial."

—"Valeu a pena enfrentar todos os problemas para ler o Livro de Mórmon, engolir insultos para guardar o Dia do Senhor, enfrentar esperas para ajoelhar-me em oração secreta, enfrentar dor para ir à Igreja, golpes, tormentos e lágrimas, para servir nesta missão."

DIAS DE PAZ

Hoje em Macau, élder Liao olha pela janela do apartamento dos missionários e vê uma terra prometida.

"Quando decidi sair em missão", diz ele, eu sabia que lá haveriam fortes correntes contra mim. Eu realmente não conhecia os perigos ocultos na água, que poderiam tentar ferir-me ou engolir-me. Estava pensando somente em conseguir meu intento. Agora aqui estou, e sei que vale a pena."

E ele está ansioso para construir uma ponte para ajudar outros, incluindo sua família, a atravessarem para o outro lado. □



SUA L

Lisa A. Johnson
FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN

Você tem mais tempo livre do que dinheiro? Seu talento é maior que seu orçamento? Se for, não terá problema em ser generoso neste Natal. Nas listas abaixo, encontrará algo que quase todas as pessoas irão adorar receber.

PARA SUA FAMÍLIA

• Faça uma série de cartões de escrituras para colar no espelho. Podem ser 12, um para cada mês, ou 52, um para cada semana. Escreva ou datilografe nos cartões as escrituras favoritas da pessoa que irá recebê-los. Poderá decorá-los com adesivos ou pintá-los. Coloque os cartões e um rolo de fita adesiva dentro de uma caixa e embrulhe para presente. Não se esqueça de incluir instruções sobre como usá-los.

• Compre um calendário não muito caro ou faça o seu próprio. Assinale todas as datas importantes da família no calendário, como: aniversários, comemorações, prazos e férias. Deixe espaço suficiente para que outros eventos possam ser acrescentados. Pendure o calendário num local central da casa, para que a família possa coordenar as datas e atividades do ano.

• Elabore uma lista dos "Dez Mais", datilografe-a ou escreva-a em letra de forma caprichada, enrole-a como um pergaminho e amarre com uma fita. Pode ser engraçada ou séria, como preferir, podendo incluir temas como: "Por Que Estou Feliz Por Você Ser Minha Mãe ou Pai (ou meu irmão ou irmã)"; "Coisas Que Você Faz por Mim e Eu Percebo"; ou "Os Melhores Momentos Que Passamos Juntos".

• Dê a seus pais um certificado, concedendo-lhes

LISTA DE NATAL



uma noite livre para sair. Se uma reserva em um restaurante for muito cara, ofereça-lhes um lanche para piquenique ou uma refeição que possam levar com eles. Ofereça-se para cuidar dos pequenos enquanto seus pais estiverem fora.

• Tire uma fotografia do templo que seus pais freqüentam, faça um desenho, adquira uma gravura ou recorte uma fotografia do templo de uma revista da Igreja e emoldure-a para presente.

• Escreva seu testemunho em uma folha de papel de carta ou em um cartão bonito. Escreva, também, por que o evangelho e o exemplo de sua família dão-lhe incentivo para tentar ser mais semelhante a Cristo. Este será um dos melhores presentes que poderá dar a eles.

PARA SEUS AMIGOS

• Antes do início das férias, prepare um lanche de Natal para seus amigos e leve-o para a escola. Você pode usar as receitas especiais da família que seus amigos não tenham a oportunidade de experimentar sempre, ou procurar descobrir quais são seus pratos preferidos e prepará-los.

• Compre um canecão não muito caro e coloque uma garrafa do refrigerante favorito de seus amigos dentro dele. Amarre um laço de fita na asa do canecão.

• Faça uma árvore de escrituras. Você pode comprar uma arvorezinha em uma floricultura, ou fazer uma de madeira ou papel. A decoração pode ser feita de tiras de papel colorido com as escrituras favoritas de seus amigos, ou tiras de papel branco presas com fitas coloridas. Vinte e cinco escrituras é um bom número: Uma para cada dia de dezembro até o Natal.

• Se fizer frio e nevar em sua região, na época do Natal, dê-lhes um kit para montar um homem de neve: Consiga um chapéu e uma echarpe velhos (talvez em uma loja de artigos usados) ou faça-os de pano. Junte carvão ou botões para os olhos e a boca, além de uma cenoura para o nariz. Consiga também uma vassoura barata.

• Dê-lhes um Livro de Mórmon. Não precisa ser uma edição cara. Se não forem membros da Igreja, escreva seu testemunho no livro. Se forem membros, encape-o com uma capa bonita.

PARA MISSIONÁRIOS

• Envie-lhes enfeites de Natal não muito pesados nem volumosos. Os melhores são aqueles que podem ser comidos, descartados ou reciclados depois de usados, como: meias de Natal, uma árvore de pirulitos ou correntes de pipocas, doces ou cereais coloridos em forma de rosquinha. (As crianças pequenas vão achar fácil e divertido fazer este presente.) Não envie nada que quebre, estrague ou seja difícil de guardar na mala depois do Natal.

• Fotografias em molduras planas e inquebráveis. Os missionários nunca se cansam de receber fotografias de casa.

• Se estiverem servindo no mesmo país em que você mora, ou se conseguir selos do país em que estão trabalhando, envie-lhes envelopes já selados e endereçados, e papel de carta que combine com o envelope.

• Pequenas lembranças que os missionários poderão dar aos pesquisadores e membros e que irão ajudá-los, sempre serão muito apreciadas. Podem ser marcadores de livro ou cartões com mensagens espirituais.

PARA OS IDOSOS

• Dê-lhes o dom de sentirem-se úteis. Se tiverem condições físicas e estiverem dispostos, ajude-os a servir como voluntários em uma campanha de solidariedade, um hospital infantil ou onde quer que sua ajuda seja necessária. Apresente-se também como voluntário e acompanhe-os.

• Ajude a enfeitar a casa deles. Forneça enfeites feitos em casa, se preciso, ou ajude-os a pendurar os enfeites que juntaram durante o ano.

• Leve-os a um concerto ou programa de Natal grátis perto de sua casa. Eles apreciarão a companhia de alguém gentil e alegre.

• Limpe a casa ou o jardim deles. Você pode dar-lhes um vale para serviços a serem realizados posteriormente.

• Dê-lhes boas recordações. Um livro de lembranças com fotos e recortes coletados entre parentes e amigos será muito apreciado.



O QUE VOCÊ PODE NOS DAR NO NATAL DO PRÓXIMO ANO

Sabemos que não estamos em sua lista de presentes. Pode até parecer que estamos apressando as coisas. (O Natal *deste* ano ainda não terminou!) No entanto, já é hora de pensar no que poderá *nos* dar no próximo Natal.

Na edição de dezembro do próximo ano, planejamos publicar testemunhos de Cristo de adolescentes SUD de todo o mundo. Por isso, nós o estamos convidando a pensar a respeito de seu próprio testemunho do Salvador. Houve alguma ocasião ou evento, em particular, que fez com que seu testemunho começasse a crescer? De que maneira seu testemunho de Jesus Cristo o ajudou em um momento de necessidade?

Coloque seus sentimentos ou experiências no papel, mesmo que sejam uns poucos parágrafos. Queremos que você nos conte brevemente *como* se sente e *por que* se sente assim.

Por favor, envie-nos sua carta no máximo até 30 de abril de 1996. Nós cuidaremos da tradução. Inclua, por favor, seu nome completo, idade, endereço, ala e estaca (ou ramo e distrito). Nosso endereço é: International Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, USA.

Se puder, inclua uma fotografia sua que não precise ser devolvida. □



Simeão Homenageando o Menino Cristo, de Greg Olsen

Simeão, a quem o Espírito Santo revelara que não morreria sem ter visto o "Cristo do Senhor", estava no templo quando Maria e José chegaram com o Menino Jesus. Simeão tomou o menino nos braços, louvou a Deus e disse: "Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, (. . .) Pois já os meus olhos viram a tua salvação". (Ver Lucas 2:25–30.)



"E subiu também José da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém. (. . .)

A fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida.

E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz.

E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem."
(Lucas 2:4–7)

95992059